Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

Tatiana Milani Ferrentini

Psicologia analítica e orientação profissional e de carreira:
contribuições para atendimentos na metanoia

São Paulo

2019

Tatiana Milani Ferrentini

Psicologia analítica e orientação profissional e de carreira: contribuições para atendimentos na metanoia

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de mestre em ciências

Área de concentração: psicologia escolar e do
desenvolvimento humano

Orientadora: Profa. Dra. Laura Villares de
Freitas

São Paulo

2019

FERRENTINI, Tatiana Milani

Psicologia analítica e orientação profissional e de carreira: contribuições para atendimentos na metanoia

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de mestre em ciências
Área de concentração: psicologia escolar e do
desenvolvimento humano

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Dedico esta dissertação para as pessoas que confiaram em mim como orientadora profissional e de carreira. Vocês são a minha inspiração. Com vocês aprendi muitíssimo e continuo aprendendo. Espero ter contribuído para suas carreiras, no mínimo, com o mesmo tanto que vocês contribuíram para a minha.

Agradeço:

Em primeiro lugar, Laura Villares de Freitas, por ter me orientado, indicando leituras que muito contribuíram para esta dissertação e organizando o trabalho junto comigo. Agradeço-lhe em especial por complementar o entendimento tradicional que eu tinha com visões inovadoras de conceitos chave para esta dissertação.

Meu grupo de pesquisa, por suas leituras e sugestões durante esses anos. Em especial Flora Guimarães e Luisa Colonnese, amigas que a pós-graduação me trouxe desde antes de seu início, quando estudávamos juntas para a seleção.

As bancas de qualificação e de defesa, por sua gentileza em colaborar com minha dissertação e contribuir com tantos pontos e tantas observações que só poderiam vir de pessoas como vocês.

Os pesquisadores que antes de mim se interessaram por temas correlatos, sem os quais não haveria bibliografia para a minha dissertação.

Maria da Conceição Coropos Uvaldo, que me encorajou, me formou e me supervisionou no início da minha prática como orientadora profissional e de carreira e agora, ao final da minha dissertação, me deu apoio e suporte.

Os professores e colegas das disciplinas de pos graduação.

Em especial o professor Marcelo Afonso Ribeiro, por suas aulas incríveis e por sua disposição em esclarecer minhas dúvidas sobre orientação profissional e de carreira, não só pessoalmente, mas também via e-mails, repetidas vezes.

As professoras Marilene Proença, Leny Sato e Cris Andrada e aos colegas da disciplina de metodologia, com os quais foi possível, naquele semestre de 2016, compartilhar dúvidas, angústias e provocações e perceber que o processo de produção de teses e dissertações afeta a todos de modo parecido, mas a cada um singularmente. Essa disciplina encorajou-me a desenvolver sobremaneira a metodologia do meu trabalho, antes bastante precária.

A Escola Superior de Propaganda e Marketing por ter concedido afastamento por alguns meses de minhas funções para me dedicar exclusivamente à produção desta dissertação. Em especial Ricardo Lima, que topou o desafio, e Leonella Orsini, que, como sempre, segurou a onda.

Minhas amigas Kareen Terenzzo e Valeria Lisondo, pelo interesse permanente em saber como eu estava, por terem sentido a falta de minha presença, pelas tiradas ótimas e porque em breve nos encontraremos para celebrar essa conquista.

O amigo Marcio Gagliato, que talvez nem saiba o quanto me inspira. A defesa de sua tese, em dezembro de 2018, acrescentou valiosas reflexões a minha dissertação e a minha vida.

Os casais de amigos Marina e Danilo Al Makul e Silvia e Eduardo Engel que abriram suas casas para meu filho mais novo, Otto, nas férias de dezembro e janeiro, sem esperar retribuição. Vocês são pessoas muito especiais.

Todos que, perto do prazo do depósito, me diziam que faltava pouco e que já havia dado certo, me encorajando a não desistir da qualidade que eu busquei imprimir ao meu trabalho.

Por último, dada a importância que têm em minha vida, meus pais, Armando e Clarice, e meus filhos, João e Otto. Aos primeiros devo minha capacidade em persistir. Aos meus filhos, espero conseguir passar essa persistência.

“Não são apenas os adolescentes que se confrontarão com a grande questão: o que eu vou fazer da minha vida? Ela está posta para todos, quando confrontados com uma série de grandes transições nas suas vidas, ocasionadas por mudanças na saúde, no emprego e nas relações pessoais mais íntimas.”

(Duarte et al, 2009, p.394)

FERRENTINI, Tatiana Milani. Psicologia analítica e orientação profissional e de carreira: contribuições para atendimentos na metanoia. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2019.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é propor contribuições para a orientação de carreira de pessoas na metanoia. Fruto de uma pesquisa qualitativa, aproxima elementos da psicologia analítica e da psicologia das carreiras quando abordam o desenvolvimento humano. Foram feitas reflexões sobre a orientação de carreira na transição da metanoia, apoiadas na articulação da experiência profissional da pesquisadora e dos achados do levantamento bibliográfico, que recortou da abordagem junguiana algumas visões de desenvolvimento, assim como as visões de dois autores desenvolvimentistas da psicologia das carreiras, Schein e Super. Revelou-se que tanto a psicologia analítica quanto a orientação profissional e de carreira consideram a metanoia como um período crítico no desenvolvimento, que afeta e é afetado pela família, pelos relacionamentos amorosos e pela carreira. A transição da metanoia demanda transformações psíquicas, com destaque para os potenciais criativos da persona e da sombra, surgindo como grande oportunidade de desenvolvimento na vida adulta. Esta dissertação destaca as polaridades em evidência nessa transição. Ao final, alguns motivos que levam as pessoas a procurar orientação de carreira na transição da metanoia são discutidos e a importância de um diagnóstico cuidadoso e da formação do profissional que atende em orientação de carreira são reforçados.

Palavras-chave: desenvolvimento. individuação. metanoia. orientação profissional e de carreira. psicologia analítica.

FERRENTINI, Tatiana Milani. Psicologia analítica e orientação profissional e de carreira: contribuições para atendimentos na metanoia. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2019.

ABSTRACT

The main goal of this dissertation is to suggest contributions for career development of people in metanoia transition. This piece is the result of a qualitative research, that approaches analytical psychotherapy and career psychology concepts of human development. Several observations on career development were made, which were supported by the researcher's professional experience and by excerpts from specialized bibliography, that highlighted some thoughts about development from analytical psychology authors and career psychology authors.

The result shows that both the analytical psychology and the career psychology consider metanoia as a critical period in adult life, that affects and is affected by the family, by love relationships and by career.

Metanoia transition demands important psychological transformations, specially evocating persona and shadow creative potentials. It is a great opportunity of development during adulthood. This dissertation also highlights the polarities that claim for major transformation during metanoia transition.

It also lists several reasons that lead people look for help in career development during metanoia transition and raises a discussion about the importance of a careful diagnosis and the professional education on career development.

Key words: development. individuation. metanoia. career development. analytical psychotherapy.

Sumário

1-	Introdução	10
2-	Objetivos e Relevância	15
3-	Método e levantamento bibliográfico	16
4-	Artigos, dissertações e teses: o que dizem?	18
	4.1 - Buscas que não localizaram produções	19
	4.2 - Buscas que localizaram produções	36
	4.3 - Resultados do levantamento bibliográfico	43
	4.4 - Algumas considerações sobre o levantamento bibliográfico	51
5-	A minha prática como orientadora profissional e de carreira	52
6-	O campo da orientação profissional e de carreira	54
	6.1 - O enfoque desenvolvimentista	56
	6.1.1 - <i>Donald Super</i>	57
	6.1.2 - <i>Edgar Schein</i>	60
7-	A psicologia de Carl Gustav Jung e as escolas do pensamento junguiano	68
	7.1 - Processo de individuação, a proposta de desenvolvimento da psicologia analítica segundo Jung e outros autores	70
	7.2 - Persona e Sombra, Adolescência e Metanoia	77
	7.2.1 – <i>Jovem e velho: a principal polaridade</i>	86
	7.2.2 – <i>Criação e destruição</i>	89
	7.2.3 – <i>Masculino e Feminino</i>	90
	7.2.4 - <i>Apego e Desapego</i>	92
	7.3 - Especificidades ainda existentes para a mulher na transição da metanoia	94
8-	Metanoia e Orientação de Carreira – discussão e resultados	98
9-	Conclusões, sugestões e considerações finais	110
	Referências Bibliográficas	112

1- Introdução

Hollis (1995, p.101) afirma que “existe uma enorme diferença entre o trabalho e a vocação”. Com o trabalho ganhamos dinheiro, atendemos nossa necessidade econômica. A vocação atende a alma, não a procuramos, ela simplesmente existe e nos chama. Conseguir articular as necessidades econômicas ao chamado da alma nem sempre é possível e, para muitos, na transição para o meio da vida, “as finanças constituem uma camisa de força, uma interminável repressão” (Hollis, 1995, p.100).

Mas uma parte considerável do significado da vida decorre de atender a vocação. É preciso se perguntar em diferentes momentos “o que estou sendo chamado a fazer?”. Quando se atinge estabilidade, começa nova inquietação, novo chamado profissional, novos aspectos da psique que pedem atenção e desenvolvimento na metanoia e em outras eras da vida, exigindo talvez “o sacrifício do ego, com sua necessidade de conforto e segurança material” (Hollis, 1995, p.103).

Aconteceu com essa própria dissertação, que trataria da escolha da profissão na adolescência. Lembrei de quando passei por isso, prestei tantos vestibulares e iniciei tantos cursos superiores aos 17 anos. A cada adolescente que eu atendia em orientação profissional revisitava minha história. Romanyshyn (2007) afirma que o retorno ao passado não se dá em função de se estar preso a ele, mas sim em nome de atender ao que o passado nos pede hoje, às perguntas ainda sem resposta de nossa história pessoal e de nossa história ancestral.

Após o projeto inicial algumas mudanças significativas aconteceram. Dentre elas, um número maior de pessoas com idades entre 38 e 45 anos começou a me procurar para orientação de carreira, procura que me intrigou. Fui percebendo que essas pessoas tinham vivido um arranjo funcional durante quinze, dezoito, vinte anos em suas ocupações. Mas, perante alguma mudança que se impôs, tal arranjo deixou de funcionar, trazendo-as para orientação de carreira.

Comecei, lentamente, a pensar na orientação de carreira de pessoas nessa transição, a metanoia, como um possível tema de pesquisa. Temática que, percebi, me atraía mais do que a inicial. O novo tema vinha me chamando há algum tempo, mas eu resistia em nome de um compromisso com o projeto inicial apresentado. Poderia eu alterá-lo?

“A pesquisa tem desses momentos, em que o trabalho parece resistir às intenções conscientes do pesquisador e começa a tomar outro rumo” (Romanyshyn, 2007, p.47).

Esse autor defende que são momentos cruciais para o pesquisador preservar a alma em mente, porque marcam a virada daquilo que ele quer do trabalho para o que o trabalho quer dele. E é preciso, então, estar atento aos sinais que o trabalho emite.

No meu caso, não conseguia escrever, não conseguia ler, não conseguia quase pesquisar ou pensar sobre o tema da adolescência. Fiquei me recriminando por muito tempo por estar faltando com meu compromisso. De fato, poderia ter sido só isso, mas o surgimento de outra temática, mais envolvente, mostrou que não se tratava de falta de compromisso, nem de procrastinação. O que realmente estava acontecendo era o amadurecimento da minha pesquisa. Um amadurecimento sobretudo inconsciente, com alguns sinais chegando à consciência e sendo erroneamente compreendidos por mim. O trabalho já estava em curso, o novo tema já estava lá, me cutucando, enquanto eu ainda levantava a bibliografia relacionada ao projeto original.

Então me deparei com a tese defendida em 2015 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, intitulada ‘Metanoia, caminho para o desenvolvimento no meio da vida’, da pesquisadora Ana Pandini. Então precisei admitir que o tema da adolescência e da primeira escolha havia perdido força, enquanto o tema da metanoia insuflava minha vontade de pesquisar.

Pode-se achar que houve uma grande mudança no foco da minha pesquisa, mas não a considero tão drástica assim. Continuo dentro do tema da carreira, articulado à proposta junguiana de desenvolvimento, deixando de destacar um período em nome de outro.

Era hora de adentrar a pesquisa acadêmica, novidade na minha vida. Tive muita dificuldade em pesquisar, em redigir. Questionei se tal dificuldade viria da falta de experiência com o texto acadêmico, do domínio escasso que eu julgava ter de alguns conceitos junguianos para os articular com outros tantos da orientação profissional e de carreira, interface onde se dá meu campo. Aliás, estaria eu naquele momento identificando corretamente o campo? Faltavam-me familiaridade com o fazer acadêmico, com a necessidade de embasar, conceituar e justificar o raciocínio. Agora, findo o trabalho, percebo que ganhei um pouco dessa familiaridade que tanto me faltou no começo, mas continuo me considerando iniciante nesse fazer.

A reflexão sobre o que é ser um pesquisador que preserva a alma em mente me levou a outro ponto importante: minha transformação em pesquisadora é também uma transformação profissional. Por isso tive a oportunidade de ser sujeito e objeto de minha própria pesquisa, o campo se manifestou em mim. Este estudo é, portanto, também um auto-estudo, um aprendizado sobre a transição da metanoia, pela via do conhecimento, mas também pela

experiência, já que essa transição da vida se iniciou para mim, assim como para as pessoas que inspiraram esta pesquisa. Ao contrário de me atrapalhar, questionamento que pesquisadores em outras abordagens teóricas poderiam fazer, estar vivendo a temática enriqueceu o trabalho.

O paradigma adotado aqui é o do estudioso que se envolve com seu campo, propondo-se a compreender os fenômenos que o tocam, não o do pesquisador neutro, apartado daquilo que observa em uma realidade controlada. De acordo com o paradigma de pesquisa da psicologia analítica, ser tocado pelo fenômeno pesquisado propicia um terreno fértil para a emergência de símbolos relacionados ao tema, ao papel de pesquisador, ao estudo e ao que o trabalho pede do estudioso também. O pesquisador que vivencia o fenômeno que estuda, movido entre outras coisas por suas próprias feridas, é uma medida da relevância do tema, que já existia e estava à procura de quem o investigasse (Romanyshyn, 2007).

Mas, pode-se perguntar, os temas já estão todos aí?

A partir dos conceitos de arquétipo e de pesquisador-ferido pode-se dizer que os temas decorrem de temas anteriores, são seus desdobramentos. Os temas atuais seriam a continuação de temas passados, que agora encontram o contexto adequado para serem estudados. Um dos elementos que formam esse contexto é o pesquisador que é tocado e atende o chamado de determinada temática. Pode-se supor que os temas tenham raízes arquetípicas e se manifestem num dado espaço e tempo, tornando-se contemporâneos.

Este trabalho congrega mudanças profissionais que se fazem necessárias tanto naqueles casos que decidi tomar como inspiração, quanto em mim, e que serão discutidas a partir da proposta junguiana de processo de desenvolvimento humano, a individuação, que ocorre por toda a vida, do nascimento até a morte. Na transição da metanoia a consciência, mais fortalecida do que no começo da vida, pode reconsiderar o valor criativo do inconsciente, com o potencial de desenvolver o que foi deixado para trás (Villares de Freitas, 1992).

Justamente por sua concepção do desenvolvimento como algo que se dá durante toda a vida, transcendendo em muito a infância e a juventude, a psicologia analítica¹ é uma teoria adequada ao estudo e compreensão de adultos que procuram orientação de carreira. Essa abordagem possibilita encarar o que foi deixado para trás na grande empreitada da adolescência

¹ Nesta dissertação não há diferença entre psicologia analítica e psicologia junguiana, considera-se os dois termos como referentes à mesma abordagem psicológica.

e juventude, não apenas como perdas, mas também como potenciais que ainda podem se desenvolver, ponto de vista que parece explicar o que observei em atendimentos desse tipo. Na metanoia é preciso encontrar novos referenciais para a consciência, pois os antigos não mais bastam (Villares de Freitas, 1992).

Assim, comecei a me perguntar se a procura por orientação de carreira se deve a questões circunspectas a essa área da vida ou a questões mais amplas do desenvolvimento humano que se expressam particularmente no trabalho, levando as pessoas a procurar serviços de apoio especializados.

Talvez a ocupação esteja a serviço das defesas e fragilidades de cada um, o que funcionaria por algum tempo de maneira bastante satisfatória, mas não sobreviveria a algo novo que se impõe pedindo mudanças: a iminência de uma falência, a perspectiva de estagnação do negócio, ou a constatação, própria da metanoia, de que não se é infalível, invencível, nem eterno. Os arranjos construídos na articulação de limites, talentos e negócios tampouco seriam eternamente satisfatórios.

Como exemplo, seguem algumas passagens da minha prática como orientadora de carreira que me inspiraram a buscar contribuições para atendimentos na metanoia.

Alguém que conseguiu fazer seu negócio crescer por quinze anos, mas depois percebeu que precisava de coragem para buscar em si mesmo as transformações necessárias ou ele e o negócio estagnariam.

Outra pessoa que trabalhava há dezoito anos na mesma empresa quando iniciou os atendimentos em orientação de carreira. Sua queixa era não ser suficientemente ouvido no ambiente de trabalho. Até então, isso não tinha sido um problema. Num cargo técnico podia executar suas tarefas sozinho em seu departamento, situação que até o agradava. No entanto, ao ser promovido à coordenação de equipe, passou a participar de reuniões com a diretoria, nas quais precisava se colocar de maneira eficaz.

Outra lembrança é de um homem muito decepcionado com seu chefe, que o havia guiado profissionalmente, nos últimos quinze anos, após dizer: “cola em mim que você vai crescer”. Iniciou os atendimentos em orientação de carreira, porque precisava traçar seus próprios objetivos, legitimar seu jeito de agir e seus planos, sem “colar” em ninguém.

Todas essas pessoas tinham entre 38 e 45 anos quando as atendi, entre 2014 e 2016. Sabe-se que esse período coincidiu com uma grande crise econômica no Brasil e que um de seus

efeitos foi atingir a marca de 14 milhões de desempregados. Mesmo este trabalho priorizando o enfoque do desenvolvimento humano de acordo com a psicologia analítica, não sendo um estudo dos fatores econômicos que afetam as carreiras, é intrigante que nenhuma das pessoas inspiradoras desta pesquisa tenha mencionado a situação econômica como fator desencadeante de sua busca por orientação de carreira. Talvez porque tinham vínculos empregatícios ou o próprio negócio há bastante tempo? Talvez não tivessem consciência de que a crise econômica havia sido um dos disparadores da demanda? Talvez simplesmente ainda não estivessem claras a dimensão, nem a extensão daquela crise? Ou talvez porque a urgência do chamado interno para mudança fosse tão maior do que os outros fatores? A estas questões não consegui responder.

As perguntas que aquelas pessoas inspiraram e foram ponto de partida para esta dissertação estão abaixo:

1. Como a psicologia analítica pode contribuir, dentro da perspectiva do desenvolvimento humano, para a compreensão, o atendimento e o encaminhamento de pessoas que buscam orientação de carreira na metanoia?
2. A psicologia analítica pode contribuir com o campo da orientação profissional e de carreira? Como?

2- Objetivos e Relevância

O objetivo desta dissertação é propor contribuições para a orientação de carreira de pessoas na metanoia.

A metanoia caracteriza-se pela mudança na direção da energia psíquica, que busca reunificar consciência e inconsciente, mantendo a diferenciação alcançada entre eles. Trata-se de um momento profundo, com reconhecimento mais claro das limitações do ego e percepção mais nítida dos poderes do inconsciente. Uma ampliação da consciência.

Transições são períodos de sobreposições entre uma era da vida que se inicia e a anterior que está se aproximando do fim. Transitando entre eras não se está vivendo nem uma, nem outra, mas um período intermediário, que é parte das duas e ao mesmo tempo diferente de ambas. Durante as transições há potencial para ocorrerem as grandes transformações do desenvolvimento humano (Levinson, 1996). Esta dissertação considera que a metanoia pede transição para um novo funcionamento psíquico e usa os termos transição da metanoia e metanoia com o mesmo significado.

A relevância desta dissertação é contribuir com a visão junguiana para a compreensão, o atendimento e o encaminhamento de pessoas que buscam orientação de carreira na transição da metanoia, destacando a importância de um olhar amplo para a totalidade, no lugar de outro que apartaria a carreira do restante da vida.

Esta pesquisa também visa trazer subsídios para futuros pesquisadores das aproximações dos campos da psicologia analítica e da orientação profissional e de carreira, assim como para pesquisadores do desenvolvimento humano na transição da metanoia.

3- Método e levantamento bibliográfico

Esta dissertação, fruto de uma pesquisa qualitativa, buscou aproximar elementos da psicologia analítica e da psicologia das carreiras² quando abordam o desenvolvimento humano na transição da metanoia. Foram feitas reflexões sobre a orientação de carreira na transição da metanoia, apoiadas na prática desta pesquisadora e nos achados do levantamento bibliográfico realizado. Reflexões e achados bibliográficos foram articulados para propor contribuições.

O levantamento bibliográfico recortou da abordagem junguiana algumas visões de desenvolvimento assim como as visões de dois autores desenvolvimentistas da psicologia das carreiras, articulou-as entre si e aos achados da produção científica (artigos, dissertações e teses) dos últimos cinco anos (2013 – 2018).

O levantamento bibliográfico foi feito:

- a. nas obras publicadas de Jung e de outros autores junguianos sobre o processo de desenvolvimento, especialmente a metanoia;
- b. em algumas obras publicadas de Super e Schein, autores desenvolvimentistas da psicologia das carreiras;
- c. nos artigos, dissertações e teses publicados entre 2013 e 2018 que abordam orientação de carreira, psicologia junguiana e/ou metanoia.

Na obra de Jung priorizei a busca pelo que o autor escreveu sobre o processo de desenvolvimento humano a partir da transição da metanoia. Iniciei com os termos metanoia, envelhecimento, metade da vida, trabalho, profissão e vocação, nos índices gerais dos volumes das obras compiladas da Editora Vozes (2011). Os achados são a base do capítulo 4.

Em Super priorizei a proposta de desenvolvimento de carreira desde a infância até o desengajamento³, tendo em vista que o desenvolvimento ao longo de toda a vida também é uma proposta da psicologia analítica. Assim, procurei aproximações, articulações e diferenças entre essas proposições. Já em Schein fui buscar os ciclos de carreira/trabalho, familiar e biossocial, especificamente a proposta do autor sobre o que ocorre na metanoia em cada um deles.

² Em algumas passagens desta dissertação optei por usar psicologia das carreiras como equivalente à orientação profissional e de carreira, para evitar que o texto ficasse repetitivo.

³ Desengajamento: ir se desligando gradativamente do trabalho até parar de trabalhar (Lassance; Paradiso; Benso da Silva, 2011)

Importante observar que apesar desses dois autores não fazerem uso do termo metanoia, eu o emprego para frisar que esta dissertação é referenciada pela psicologia junguiana e nela situa suas conclusões.

O objetivo do levantamento de artigos, dissertações e teses publicados nos últimos cinco anos (2013 – 2018) foi quantificar a produção científica desse período na intersecção e nas interfaces dos campos da psicologia analítica e da orientação profissional e de carreira e oferecer elementos para uma compreensão atualizada do campo resultante dessas interfaces e intersecção.

Comecei pela escolha das fontes de informação que seriam consultadas, tendo como critérios o acesso, o escopo e a menor sobreposição possível entre elas. Foram escolhidas PePsic, OasisBR, Psycnet e Scopus, além do Banco de Teses da Universidade de São Paulo.

Nas fontes com vocabulário controlado utilizei a terminologia indicada. Nas demais usei a terminologia em psicologia da BVS e/ou a terminologia Thesouro da APA. A consulta à terminologia em psicologia da BVS para os assuntos orientação de carreira e psicologia analítica sugeriu os termos orientação vocacional e psicologia junguiana. O Thesouro da APA, por sua vez, sugere os termos occupational guidance e analytical psychotherapy. Utilizei também possíveis sinônimos desses termos para busca em alguns casos.

Acho importante destacar que o próprio levantamento bibliográfico foi fruto de muita reflexão e subsequentes tomadas de decisão sobre novos critérios de inclusão e exclusão de achados, como será apresentado no capítulo seguinte.

Início esta dissertação com a pesquisa bibliográfica. A seguir discorro um pouco sobre a minha prática como orientadora de carreira, que me inspirou. Depois escrevo sobre a tentativa de definir e delimitar os conceitos e o campo da psicologia das carreiras, especificamente os mais utilizados pela atividade de orientação de carreira. Prossigo abordando seu enfoque desenvolvimentista, a partir de dois autores, Donald Super e Edgar Schein.

Depois adentro a psicologia de Carl Gustav Jung, as escolas que dela se originaram e sua concepção do desenvolvimento humano, o processo de individuação, e sua proposta da dinâmica da psique. Passo por outros conceitos como persona e sombra e aprofundo na transição da metanoia, em que algumas polaridades pedem maior transformação.

Termino discutindo o que foi levantado e propondo alguns caminhos de continuidade para essa pesquisa.

4 Artigos, dissertações e teses: o que dizem?

Os critérios do levantamento bibliográfico sofreram alterações ao longo da produção desta dissertação: após as primeiras buscas com os termos referidos no capítulo 3 não terem localizado produções, decidi flexibilizar os critérios de busca para ter mais chances de localizá-las.

Nesse 2º momento, incluí a fonte de informações Scielo, excluí Psycnet e Scopus, nas quais não havia localizado nada, e selecionei praticamente tudo que encontrei que correspondesse ao recorte temporal – 2013 a 2018 - e a um dos três critérios já mencionados - psicologia junguiana, orientação de carreira ou metanoia – o que resultou na seleção de trabalhos com pouca relação com minha pesquisa. Compreendo agora que isso se deveu à insegurança provocada pela falta de resultados daquela primeira busca: parecia que tudo que minimamente tangenciasse um dos três filtros deveria obrigatoriamente ser aproveitado.

Em paralelo à flexibilização de critérios, parti para o estudo de obras mais antigas, livros de autores tradicionais: Super, Schein e Jung. Conforme avançava a leitura dessas obras, clássicas sob meu olhar, fui ganhando confiança na viabilidade temática da minha dissertação e assim, filtrei novamente os achados do 2º momento de seleção, com maior rigor, de forma mais condizente com o que esta dissertação precisava. Então excluí trabalhos antes selecionados, mas que não correspondiam nem à abordagem junguiana, nem aos desenvolvimentistas da orientação profissional e de carreira, bem como a maioria dos trabalhos sobre adolescentes, secundaristas, estudantes do ensino médio, jovens adultos, pessoas na transição para a aposentadoria, populações muito específicas e sobre instrumentos e escalas. Por fim, excluí trabalhos em outros idiomas, que não o português ou o inglês. Com isso cheguei num conjunto mais adequado ao tema desta dissertação. Nas tabelas, chamei a seleção final de 3º momento de seleção.

A seguir encontram-se as primeiras buscas, que não localizaram produções, os achados do 2º levantamento, mais amplo, e o que foi selecionado no 3º momento de triagem bibliográfica.

4.1 - Buscas que não localizaram produções

PePsic (pepsic.bvsalud.org):

- Ano de publicação: 2013 a 2018.
- Campo de busca: assunto.
- Levantamentos realizados em 3/08/2018.

Termos de busca	Resultado
carreira AND psicologia junguiana	0
carreira AND psicologia analítica	0
carreira AND jung ⁴	0
orientação vocacional AND psicologia analítica	0
orientação vocacional AND psicologia junguiana	0
orientação vocacional AND jung	0
orientação profissional AND psicologia junguiana	0
orientação profissional AND psicologia analítica	0
orientação profissional AND jung	0
orientação de carreira AND psicologia junguiana	0
orientação de carreira AND psicologia analítica	0
orientação de carreira AND jung	0
Total encontrado	0

⁴ Optei por grafar jung em vez de Jung porque a grafia em letra maiúscula localizava um número imenso de artigos de autores com o mesmo sobrenome de Carl Gustav Jung, mas que não tinham relação alguma com esta dissertação.

Banco de Teses da USP (teses.usp.br):

- Ano de defesa: 2013 a 2018;
- Campos de busca: identificados entre parênteses;
- Levantamentos realizados em 14/08/2018.

Termos de busca	Resultados
carreira (em resumo) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
carreira (em resumo) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
carreira (em resumo) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0
carreira (em palavras-chave) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
carreira (em palavras-chave) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
carreira (em palavras-chave) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0

carreira (em título) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
carreira (em título) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
carreira (em título) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0
carreira (em resumo) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0
carreira (em resumo) e psicologia (em palavras-chave) e analítica (em palavras-chave)	0
carreira (em resumo) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
carreira (em palavras-chave) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0
carreira (em palavras-chave) e psicologia (em palavras-chave) e analítica (em palavras-chave)	0

carreira (em palavras-chave) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
carreira (em título) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0
carreira (em título) e psicologia (em palavras- chave) e analítica (em palavras-chave)	0
carreira (em título) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
carreira (em resumo) e Jung (em resumo)	0
carreira (em resumo) e Jung (em palavras-chave)	0
carreira (em resumo) e Jung (em título)	0
carreira (em palavras-chave) e Jung (em resumo)	0
carreira (em palavras-chave) e Jung (em palavras-chave)	0
carreira (em palavras-chave) e Jung (em título)	0

carreira (em título) e Jung (em resumo)	0
carreira (em título) e Jung (em palavras-chave)	0
carreira (em título) e Jung (em título)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e psicologia (em palavras- chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0
orientação (em palavras- chave) e vocacional (em palavras-chave) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0

orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0

orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e psicologia (em palavras-chave) e analítica (em palavras-chave)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0
orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e psicologia (em palavras-chave) e analítica (em palavras-chave)	0
orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0

orientação (em título) e vocacional (em título) e psicologia (em palavras-chave) e analítica (em palavras-chave)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e Jung (em resumo)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e Jung (em palavras-chave)	0
orientação (em resumo) e vocacional (em resumo) e Jung (em título)	0
orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e Jung (em resumo)	0
orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e Jung (em palavras-chave)	0

orientação (em palavras-chave) e vocacional (em palavras-chave) e Jung (em título)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e Jung (em resumo)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e Jung (em palavras-chave)	0
orientação (em título) e vocacional (em título) e Jung (em título)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0

orientação (em palavras-chave) e profissional (em palavras-chave) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
orientação (em palavras-chave) e profissional (em palavras-chave) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
orientação (em palavras-chave) e profissional (em palavras-chave) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e psicologia (em resumo) e junguiana (em resumo)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e psicologia (em palavras-chave) e junguiana (em palavras-chave)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e psicologia (em título) e junguiana (em título)	0

orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e psicologia (em palavras- chave) e analítica (em palavras-chave)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
orientação (em palavras- chave) e profissional (em palavras-chave) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0
orientação (em palavras- chave) e profissional (em palavras-chave) e psicologia (em palavras-chave) e analítica (em palavras-chave)	0
orientação (em palavras- chave) e profissional (em palavras-chave) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0

orientação (em título) e profissional (em título) e psicologia (em resumo) e analítica (em resumo)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e psicologia (em palavras- chave) e analítica (em palavras-chave)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e psicologia (em título) e analítica (em título)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e Jung (em resumo)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e Jung (em palavras-chave)	0
orientação (em resumo) e profissional (em resumo) e Jung (em título)	0
orientação (em palavras- chave) e profissional (em palavras-chave) e Jung (em resumo)	0

orientação (em palavras-chave) e profissional (em palavras-chave) e Jung (em palavras-chave)	0
orientação (em palavras-chave) e profissional (em palavras-chave) e Jung (em título)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e Jung (em resumo)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e Jung (em palavras-chave)	0
orientação (em título) e profissional (em título) e Jung (em título)	0
Total encontrado	0

OasisBR (oasisbr.ibict.br):

- Ano de defesa: 2013 a 2018;
- Campo de busca: todos os termos;
- Levantamento realizado em 17/08/18.

Termos combinados	Resultado bruto	Validos para esta pesquisa (1ª seleção)	Validos para esta pesquisa (2ª seleção)
carreira AND psicologia junguiana	2	1	0
carreira AND psicologia analítica	31	0	0
carreira AND jung	25	0	0
orientação vocacional AND psicologia junguiana	0	0	0
orientação vocacional AND psicologia analítica	2	0	0
orientação vocacional AND jung	1	0	0
orientação profissional AND	0	0	0

psicologia junguiana			
orientação profissional AND psicologia analítica	30	0	0
orientação profissional AND jung	3	0	0
orientação de carreira AND psicologia junguiana	0	0	0
orientação de carreira AND psicologia analítica	9	0	0
orientação de carreira AND jung	0	0	0
Total	103	1	0

Psycnet (psycnet.apa.org):

- Ano: 2013 a 2018;
- Campos de busca: identificados entre parênteses;
- Levantamentos realizados em 27/08/2018⁵.

Termo	Resultado
Occupational guidance (any field)	3.579
Analytical Psychotherapy (any field)	552
Occupational guidance (any field) AND analytical psychotherapy (any field)	0
Occupational guidance (Keywords)	1.164
Analytical Psychotherapy (Keywords)	255
Occupational guidance (Keywords) AND analytical psychotherapy (Keywords)	0

⁵ Verifica-se que, apesar do grande número de publicações encontradas quando se usa apenas um termo, quando se cruzam dois termos, não se encontra nenhuma.

Scopus (scopus.com):

- Ano de publicação: 2013 a 2018;
- Campo de busca: article title, abstract, keywords;
- Levantamentos realizados em 28/08/2018.

Termo	Resultado
Occupational Guidance	17
Analytical Psychotherapy	21
Occupational Guidance AND Analytical Psychotherapy	0

4.2 –Buscas que localizaram produções

Tendo em vista a ausência de resultados nas buscas anteriores, decidi acrescentar *desenvolvimento* aos termos de busca, combinando-o a cada um dos outros. Além disso, ampliei os campos de busca e estabeleci critérios de validade que eu julgava apropriados, mas que posteriormente se mostraram inespecíficos.

Pepsic (pepsic.bvsalud.org):

- Campos de busca: assunto e resumo.
- Ano de publicação: 2013 a 2018.
- Levantamento realizado em 17/08/2018.

Termos combinados	Resultado bruto
carreira AND desenvolvimento	59
orientação vocacional AND desenvolvimento	9
orientação profissional AND desenvolvimento	7
psicologia junguiana AND desenvolvimento	0
psicologia analítica AND desenvolvimento	3
jung AND desenvolvimento	3
Total bruto encontrado	81

Termos combinados	2º momento de seleção	3º momento de seleção
carreira AND desenvolvimento	6	3
orientação vocacional AND desenvolvimento	1	0
orientação profissional AND desenvolvimento	1	1

psicologia junguiana AND desenvolvimento	0	0
psicologia analítica AND desenvolvimento	0	0
jung AND desenvolvimento	1	1
Total	9	5

Banco de Teses Usp (teses.usp.br):

- ano de defesa: 2013 a 2018;
- Campos de busca: identificados entre parênteses;
- Levantamentos realizados em 14/08/2018.

Termos combinados	Resultado Bruto
carreira (em resumo) e desenvolvimento (em resumo)	75
carreira (em resumo) e desenvolvimento (em palavras-chave)	14
Psicologia junguiana AND desenvolvimento	0
Psicologia analítica AND desenvolvimento	0
Jung AND desenvolvimento	0
Total bruto encontrado	89

Obs.: as buscas com os termos “orientação vocacional” e/ou “orientação profissional” combinados ao termo “desenvolvimento” retornaram sempre resultados já localizados pelas buscas com o termo “carreira” combinado a “desenvolvimento”, por isso não constam desta tabela.

BTU	2º momento de seleção	3º momento de seleção
Total	13	6

OasisBr (oasisbr.ibict.br):

Novas buscas foram feitas no OasisBr, combinando cada um dos termos anteriores com o termo *desenvolvimento*, e restringindo o campo de busca a *assunto*, para evitar o retorno produções de autores com sobrenome Carreira ou Jung, cujos trabalhos não se relacionam com esta dissertação.

- Ano de defesa: 2013 a 2018;
- Campo de busca: assunto;
- Levantamento realizado em 17/08/18.

Termos combinados	Resultado Bruto
carreira AND desenvolvimento	90
orientação vocacional AND desenvolvimento	10
orientação profissional AND desenvolvimento	14
psicologia junguiana AND desenvolvimento	1
psicologia analítica AND desenvolvimento	7
jung AND desenvolvimento	2
Total bruto encontrado	124

Os 124 trabalhos localizados foram filtrados em dois momentos, conforme já descrito. A tabela abaixo mostra esse resultado:

Termos combinados	2º momento de seleção	3º momento de seleção
Total selecionado	20	5

Scielo periódicos (scielo.org):

- Ano de publicação: 2013 a 2018;
- Campo de busca: resumo;
- Levantamentos realizados em 28/08/2018.

Combinação	Resultado Bruto
carreira AND desenvolvimento	85
Orientação AND vocacional AND desenvolvimento	0
Orientação AND profissional AND desenvolvimento	18
Psicologia AND analítica AND orientação AND profissional	0
Psicologia AND analítica AND orientação AND vocacional	0
Psicologia AND junguiana AND orientação AND vocacional	0
Psicologia AND junguiana AND orientação AND profissional	0
Jung AND orientação AND vocacional	0

Jung AND orientação AND profissional	0
Psicologia AND analítica AND desenvolvimento	2
Psicologia AND junguiana AND desenvolvimento	1
jung AND desenvolvimento	3
Total	109

Termos combinados	2º momento de seleção	3º momento de seleção
carreira AND desenvolvimento (assunto)	2	2
orientação AND profissional AND desenvolvimento (assunto)	1	0
Psicologia AND analítica AND desenvolvimento (assunto)	2	0
psicologia AND junguiana AND desenvolvimento (assunto)	1	0
jung AND desenvolvimento (assunto)	3	0
Tota	9	2

4.3 - Resultados do levantamento bibliográfico

A tabela abaixo sintetiza a quantidade de artigos, teses e dissertações selecionados como bibliografia para esta pesquisa.

PePsic	Banco de Teses USP	Oasis BR	SciELO	Total	Total excluídas as repetições
5	6	5	2	18	16

A seguir apresento as produções encontradas, iniciando por aquelas que se situam na abordagem junguiana.

Ruiz (2015) entrevistou dez participantes – com alta qualificação e trabalhando no mercado corporativo privado - que passaram por crises na carreira quando tinham de 35 a 49 anos, para compreender sua relação com a transição da metanoia. A autora considera essa transição de crucial importância para o processo de individuação, o trabalho como uma das áreas da vida na qual a crise pode se desenrolar e pondera que as empresas podem ser ambientes estimulantes ao desenvolvimento da consciência, desde que fomentem a concretização das “aspirações, ideias, imaginações e desejos” dos trabalhadores (Ruiz, 2015, p.120).

Os entrevistados de Ruiz (2015) mencionaram características da atualidade como contribuintes para a eclosão da crise no trabalho e eventos externos como culminantes das mesmas. Revelaram-se, nesses relatos, diferentes formas de enfrentamento da crise: desde reflexão introspectiva, que trouxe novas percepções de si, do significado da vida e mudanças de atitude – superação da crise - até reflexões esparsas, não conseguindo transcender vitimizações e frustrações.

A autora informa que a superação da crise passa pelo reconhecimento dos complexos familiares, da identificação com a persona, da inflação do ego e/ou conscientização da finitude. A superação da crise requer ampliação da consciência, que, ocorrendo, faz da mesma uma oportunidade de desenvolvimento. Porém, há entrevistados que se acostumaram com o problema que deflagrou a crise. Ruiz (2015) conclui que nesses casos não houve superação da mesma.

Mas será que podemos considerar superar e se acostumar como atitudes opostas frente à emergência de problemas que deflagram uma crise? Acostumar-se ao problema pode não o eliminar, mas certamente “elimina” a crise. Na medida em que se passa a viver com um problema vultoso que detonou uma crise, alguma transformação psíquica foi necessária. Pode-se ter lançado mão de mecanismos inconscientes de defesa, mas a vida trará provavelmente o problema à tona novamente, oferecendo outra oportunidade de ampliação da consciência. Acostumar-se a um problema talvez seja uma gradação da superação ou ainda a própria resolução do mesmo, já que há coisas e atitudes que não se consegue mudar.

Em consonância com essa reflexão, Ruiz (2015) observa que essas crises não se mostraram superadas no momento das entrevistas, mas lembra que o processo de individuação é contínuo e, por isso, o potencial de mudanças permanece.

Pandini (2014, p.114) explica o trabalho da psique na transformação que a transição da metanoia demanda. Ela realizou um grupo composto por seis participantes que, dentre outros temas, abordaram espontaneamente nos encontros trabalho e aposentadoria, e “referiram que a partir da meia idade a relação com o tempo no trabalho se modifica”. Desejavam que o trabalho necessitasse de menos tempo, menos atividades repetitivas e mais criatividade, pois não o viam como um fardo, mas como realização pessoal. A autora analisa que o modo de produção centrado na expectativa de que o ser humano possa funcionar mecanicamente – metas, produtividade, tarefas – desemboca, na transição da metanoia, na demanda por maior qualidade de vida.

O trabalho restrito à sua dimensão objetiva pode aprisionar os sonhos e as aspirações de realização pessoal, contribuindo para disparar crises profissionais na transição da metanoia, com questionamentos acerca do destino dado aos antigos sonhos e de quais as mudanças necessárias para um futuro melhor (Levinson, 1979).

A metanoia se caracteriza pela emergência de conteúdos novos ou reprimidos na consciência, “trazidos” por intensos fluxos de energia do inconsciente. Quem consegue elaborar as demandas desse período amplia a personalidade consciente, se fortalece e pode adquirir condições de enfrentar o processo de envelhecimento de modo mais saudável (Pandini, 2014, p.155).

Kishore (2013, p.72) aponta o papel do mentor na “junção dos processos conscientes e inconscientes”. O mentor é alguém que auxilia o outro a articular essas duas dimensões,

podendo potencializar o desenvolvimento de ambos, mentor e protegido⁶. Nessa concepção a riqueza da mentoria seria justamente a relação entre mentor e protegido, transcendendo a aprendizagem objetiva de conteúdo, ferramentas e estratégias diretamente relacionados com a esfera profissional. A atuação como mentor pode ser uma aspiração na metanoia, principalmente para quem, com mais consciência da própria finitude, começa a se preocupar com o legado que deixará.

Amorim Silva e Neves (2017), que escreveram sobre a escolha profissional na metanoia a partir de entrevistas com oito estudantes de graduação em psicologia de 40 a 55 anos de idade, verificaram que os fatores que influenciaram essa escolha são correlacionados ao processo de individuação. As autoras afirmam que a mudança de carreira nessa transição da vida representa “o encontro com novos significados, sendo necessário rever o legado familiar, os valores culturais e a tirânica competição econômica” (Amorim Silva; Neves, 2017, p.24).

As escolhas profissionais iniciais costumam ser reavaliadas, principalmente quando não estão correspondendo às expectativas e às necessidades das pessoas. As autoras dão a entender que por vezes as pessoas seguem em frente até que a mudança na direção da energia psíquica a partir da transição da metanoia faça emergir na consciência conteúdos antes inconscientes. Nesse sentido concordam com Ruiz (2015) quanto à oportunidade que se abre nesse período da vida e lembram que o processo de desenvolvimento não é linear, mas uma espiral em direção ao self.

Amorim Silva e Neves (2017) ressaltam a importância das vivências ritualísticas que simbolizam morte e renascimento, permitindo que a passagem de uma era a outra da vida se dê mais como transição do que como ruptura. O ingresso na universidade na transição da metanoia pode ter esse sentido.

As autoras (Amorim Silva; Neves, 2017) identificaram cinco unidades de significado no discurso dos participantes sobre a vivência como estudante de psicologia na metanoia, consonantes com as proposições de outros autores. São elas: a busca de sentido existencial, a angústia com a passagem do tempo, a mudança de valores e o conflito entre o ganho de experiência e as limitações cognitivas que o avanço da idade acarreta. As autoras concluem, assim, que preponderam questões de cunho existencial na escolha por outra formação

⁶ Protegido: quem recebe apoio de carreira e psicossocial do mentor (Kishore, 2013, p.55).

profissional na metanoia, confirmando a hipótese de que expressa “[...] um movimento natural e espontâneo do desenvolvimento psíquico e direcionado pelo self [...]” (Amorim Silva; Neves, 2017, p.33).

Lima, Cruz e Rafael (2014) afirmam que atualmente as pessoas mudam de trabalho várias vezes ao longo da vida, procurando ajuda para incrementar sua “satisfação profissional e/ou acadêmica, alcançar um maior e melhor equilíbrio entre os papéis de vida ou definir objetivos mobilizadores da carreira”. Os autores apoiaram seu estudo na teoria desenvolvimentista de Super em razão da importância que esse autor confere aos contextos de mudança e transições ao longo da vida.

Os mesmos autores (Lima; Cruz; Rafael, 2014) confirmam a pertinência e a relevância conceitual do modelo teórico de Super, mas contestam seu caráter cronológico linear, já que hoje as preocupações de carreira elencadas por Super podem surgir em momentos diferentes dos originalmente propostos. Além disso, os resultados desse estudo contradizem a suposta correspondência entre as etapas⁷ da carreira e os estágios do desenvolvimento adulto.

Os modelos que pressupõem uma sociedade estável e por isso propõem estágios fixos de carreira não correspondem mais ao mundo atual, precisando ser reformulados para modelos dinâmicos, que “considerem a flexibilidade, a adaptabilidade⁸ e a aprendizagem ao longo da vida” (Duarte, 2009, apud Lima; Cruz; Rafael, 2014). Nesse contexto a orientação de carreira trabalharia pelo bem-estar global do indivíduo, difícil de alcançar sozinho diante da instabilidade do mundo atual, ajudando-o a identificar suas preocupações e a desenvolver recursos e estratégias para seu enfrentamento. É fácil imaginar a complexidade dessa proposta num mundo tão pouco permanente.

⁷ Etapas da carreira: exploração, estabelecimento, manutenção e desengajamento (Lassance, Paradiso e Silva in Ribeiro e Melo-Silva, 2011). Os estágios de carreira são explicados no capítulo 6.

⁸ Adaptabilidade de carreira é a capacidade de lidar com as situações previsíveis e imprevisíveis envolvidas nas transições profissionais (Carvalho; Moreira; Ambiel, 2017). Os recursos para tanto não residem unicamente no indivíduo ou no ambiente, mas sim na intersecção entre esses (Ambiel, 2014).

Oliveira-Silva e Silva (2015) referem-se ao bem-estar e satisfação progressiva como florescimento⁹ no trabalho, associado com felicidade, emoções positivas e engajamento. As autoras relacionam o florescimento no trabalho ao conceito de carreira proteana, “segundo o qual os indivíduos gerem suas carreiras em função de seus valores e da busca de sentido” (Oliveira-Silva; Silva, 2015).

Mas alertam que, embora muito se fale desse novo conceito, tem se observado justamente o contrário, inclusive com aumento de queixas laborais, que, segundo as autoras, decorrem de escolhas inadequadas de carreira, possivelmente como consequência de pouca exploração, planejamento e comprometimento. Concluem que quanto mais o indivíduo se engaja com exploração e planejamento de sua carreira, maior a probabilidade de florescer no trabalho. Ao se dedicar a exploração, aproxima-se das opções que fazem mais sentido com potencial de lhe trazer maior satisfação. E, ao planejar a carreira via prazos e metas, organiza-se para os cumprir e alcançar e tem parâmetros objetivos para medir os resultados (Oliveira-Silva; Silva 2015).

O estudo também aponta o comprometimento com a carreira como mediador da exploração e do planejamento. Embora não aborde a crise profissional que pode ocorrer na transição da metanoia, - apesar de parte dos participantes supostamente a estar vivenciando - ao postular as condições para que o florescimento profissional aconteça, Oliveira-Silva e Silva (2015) podem contribuir para o diagnóstico de quem procura orientação de carreira, quando o profissional que os atende se pergunta se a queixa apresentada é devida majoritariamente a questões do desenvolvimento individual ou a atitudes perante o trabalho que já estavam presentes antes da transição da metanoia.

Aliás, quem tem procurado orientação de carreira na transição da metanoia? Serra (2014) entrevistou um grupo de dez profissionais de alta liderança que já havia passado por processos de atendimento em carreira. Esse grupo era composto por quatro mulheres e seis homens, com idade média de 43,6 anos, formados em administração, ciências contábeis, economia, marketing e relações internacionais. Os entrevistados procuraram esse serviço visando crescimento pessoal e profissional. Mais especificamente, desenvolver habilidades

⁹ “Florescimento é um estado de saúde mental em que o indivíduo funciona bem tanto no âmbito psicológico quanto social. [...] Florescimento no trabalho refere-se a uma situação de prosperidade e desenvolvimento, um estado progressivo de satisfação e bem-estar no contexto de trabalho” (Oliveira-Silva; Silva, 2015, p.198).

requeridas para promoção ou aumento de salário. Tais habilidades incluíam a capacidade de conciliar carreira e vida pessoal, exercer a liderança e aprimorar relacionamentos. Entre os entrevistados havia também quem precisava de suporte para decidir se mudava de empresa ou de carreira e para rever valores e objetivos.

Toledo (2014) procurou compreender a demanda por orientação de carreira de três adultos não executivos com ao menos cinco anos de experiência profissional, que procuraram o Serviço de Orientação Profissional da Universidade de São Paulo (SOP USP) para encontrar atividade profissional com que se identificassem, escolher um novo trabalho e/ou refletir a respeito do rumo da carreira. Dentre esses participantes chama a atenção a observação de um deles, de 43 anos, sobre estar “num momento de repensar toda a vida” (p.129), um indício de que estivesse passando pela transição da metanoia.

Já Cavalcante (2018) investigou os desafios de conciliar o trabalho e a família que enfrentam mulheres com média de idade de 43,2 anos, todas casadas e com filhos, em posição de alta responsabilidade na iniciativa privada. A autora enfatiza que segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a busca pelo equilíbrio trabalho-família está na base da situação de desvantagem das mulheres no mercado de trabalho.

Nesse sentido, Rogel (2016) relata algumas histórias de suas entrevistas que ilustram como as escolhas, a progressão e a remuneração são afetadas pelas questões de gênero, levando mulheres a trabalhar mais perto de casa e conciliar sua jornada com os horários dos filhos, evidência da falta de equidade no cuidado com eles e nas tarefas domésticas, mesmo quando elas são a principal provedora dos recursos financeiros da família.

Guedes (2017) identificou três tipos de influência que a relação conjugal exerce no desenvolvimento da carreira da mulher: apoio da relação conjugal, apoio financeiro do cônjuge e sabotagem por parte do cônjuge. A autora acrescenta que carreira e relação conjugal são elementos que se influenciam mutuamente, tanto positiva, quanto negativamente, assim como mais adiante veremos em Schein (1978).

Rogel (2016) menciona uma concepção importante, a de sucesso subjetivo. Algumas pessoas, guiadas por valores, sentem que nasceram para o trabalho que realizam, assim, podem atingir sucesso objetivo – percebido pela sociedade - a partir da satisfação profunda em seguir seu propósito de vida, o seu sucesso subjetivo. Essa autora conclui que os profissionais que fizeram escolhas alinhadas aos valores de empatia e cuidado com o outro foram, em seu estudo, os que apresentaram nível mais intenso de satisfação com a carreira. Ela, no entanto, adverte

que essas escolhas só puderam ser feitas após processo de exploração e tentativas de seguir por outros caminhos, através dos quais o reconhecimento social é mais fácil (Rogel, 2016, p.197).

Mas, ao abordar os critérios de escolha, é preciso refletir também sobre indecisão. Santos e Gonçalves (2017) diferenciam indecisão vocacional de indecisão generalizada. A primeira corresponderia a uma fase esperada do desenvolvimento, parte da etapa de exploração de alternativas que precede o investimento em uma carreira específica. Já o segundo tipo de indecisão teria natureza estrutural.

Santos e Gonçalves (2017) foram buscar suas raízes na teoria de Kohut¹⁰. De acordo com essa concepção a criança usa o mundo a seu redor, principalmente as figuras parentais, como elementos fundantes de seu self e, portanto, de seu desenvolvimento. As resultantes dessas relações possibilitam o desenvolvimento e a manutenção da coesão e da auto-estima, que se desenrolam em segurança e estabilidade emocional na relação consigo mesmo e com o mundo. Por outro lado, se os pais falham cronicamente, especialmente através de indiferença, crítica excessiva e/ou hostilidade, verifica-se maior vulnerabilidade do self e dificuldades no desenvolvimento de mecanismos de regulação interna e de controle emocional. Uma relação parental instável e insegura prejudicaria o desenvolvimento psicológico, o ajustamento e o bem-estar do indivíduo, sendo a raiz da indecisão generalizada.

Nesses casos, os processos de orientação de carreira necessitariam ter maior duração, cabendo ao terapeuta espelhar e idealizar as necessidades de seu cliente, de modo a reproduzir o papel que seus cuidadores não foram capazes de desempenhar. Na abordagem de Kohut, portanto, a empatia entre terapeuta e cliente é vital para o processo, que só assim pode trazer ganho de auto-estima e maior estabilidade de objetivos, minorando a indecisão crônica e potencializando decisões tomadas com maior segurança e, portanto, mais duradouras (Santos; Gonçalves, 2017).

Carvalho, Moreira e Ambiel (2017) mencionam que “pessoas com dificuldades de tomar decisões importantes também demonstram alguma tendência a baixo autocontrole e falta do sentimento de confiança em si para enfrentar obstáculos na carreira” (Carvalho e Pianowski, 2015 apud Carvalho, Moreira e Ambiel, 2017, p.163). Os autores encontraram evidências de

¹⁰ Heinz Kohut, psiquiatra e psicanalista, criador da Psicologia do Self, nasceu em 1913 em Viena e morreu em 1981 em Chicago (<https://centropsicanalise.com.br/course/documentarios-inventores-da-psicanalise--heinz-kohut/>).

que funcionamentos desadaptativos da personalidade tendem a prejudicar a capacidade de adaptação de carreira, ainda que com baixa expressividade. Também citam outro estudo que relaciona positivamente estilos adaptativos dos mecanismos de defesa com adaptabilidade de carreira (Rusu, Mairean e Magurean, 2015 apud Carvalho, Moreira e Ambiel, 2017), complementando a ideia mencionada na introdução desta dissertação - as ocupações podem estar a serviço das defesas das pessoas – com a relação entre o mecanismo de defesa e o contexto em que cada um trabalha. Ou seja, alguns mecanismos de defesa, valorizados em determinado ambiente, podem impulsionar a carreira, enquanto outros, desvalorizados, podem prejudicar.

Rizzatti et al. (2018) fizeram um levantamento da produção científica nacional sobre transição de carreira entre os anos 2000 e 2015. Foram localizados 10 artigos, 6 correspondentes ao recorte temporal desta dissertação, dos quais 4 abordam transições de carreira em adultos, que a autora denomina transições mercado-mercado, diferenciando-as das transições universidade-mercado.

Algumas dessas transições se caracterizam pelo abandono da área de atuação ou formação original, devido à exaustão, exigências do trabalho e/ou dificuldade de crescimento dentro das empresas. Dois dos artigos abordam profissionais do ramo de Tecnologia da Informação (TI), que desejam mudar de área em busca de crescimento profissional, de atividades mais interessantes e diferentes, de novos desafios e experiências, em conformidade com o que afirma Pandini (2014) acerca do desejo de pessoas na metanoia por atividades menos repetitivas e mais criativas no trabalho.

Rizzatti et al. (2018) lembram que alguns profissionais buscam a carreira acadêmica como uma fuga da competitividade do mercado de trabalho corporativo, mas acabam por se frustrar ao constatar que a competitividade está presente também na academia.

Rizzatti et al. (2018, p.165) apontam que muitas vezes a produção científica não considera as exigências da “etapa de vida” e “do momento” pelos quais estão passando os profissionais para “contemplar os diferentes papéis e pilares que se fazem presentes e são relevantes” nas transições de carreira. Os autores concluem que a intenção de mudança de carreira deve levar em conta o desejo de felicidade e satisfação no trabalho, sem deixar de lado a avaliação da economia, do mercado e das oportunidades de trabalho, pois esses fatores não são passíveis de serem administrados pela pessoa que busca uma transição de carreira, mas a afetarão sobremaneira.

A seguir teço algumas considerações sobre a pesquisa bibliográfica.

4.4 – Algumas considerações sobre o levantamento bibliográfico

Quando se procura o termo psicologia junguiana, descobre-se que a concentração de trabalhos sobre o processo de individuação no Brasil ocorre a partir de 2007, com variados recortes, como envelhecimento, separação amorosa, paternidade. A busca pelos termos metanoia, envelhecimento, metade da vida, trabalho, profissão e vocação nos índices gerais das obras compiladas de Jung, editadas pela Vozes (2011), apontou outros termos relacionados com o escopo dessa pesquisa, que podem incrementar trabalhos posteriores. São eles: meia idade, meio da vida, segunda metade da vida, transição da segunda metade da vida, três fases da vida, o valor da vida e escolha da profissão. O termo vocação não foi encontrado nos Índices Gerais. Como alternativa procurou-se o termo chamado, tampouco localizado.

O levantamento na PePsic encontra quantidade maior de resultados quando se usam como palavras-chave orientação profissional ou orientação vocacional do que ao se usar orientação de carreira: a proporção de resultados encontrados foi de 5/1 em ambos os casos, indicando que a produção científica não diferencia orientação profissional de orientação vocacional. Mas, quando se combina orientação profissional, orientação vocacional ou orientação de carreira com psicologia analítica, psicologia junguiana ou jung o resultado é nulo. Só se encontram artigos quando se adiciona o termo desenvolvimento aos anteriormente mencionados.

Malki (2015) observou que a pesquisa bibliográfica no campo da psicologia das carreiras é dificultada pela falta de padronização dos descritores que os pesquisadores escolhem. Também encontrei essa dificuldade, conforme os itens 4.1 e 4.2 demonstram, e suponho que existam artigos, dissertações e teses além dos encontrados, que muito teriam contribuído para esta dissertação, mas que não foram localizados pelas buscas.

Os resultados quantitativos do levantamento bibliográfico indicam não ser volumosa a pesquisa de autores junguianos no campo da carreira, tanto quanto a pesquisa de autores do campo da psicologia das carreiras na abordagem da psicologia junguiana. Um questionamento importante é sobre a razão disso, já que “a psicologia analítica não recusa [...] quaisquer processos, por mais difíceis e complicados que sejam. [...] Nosso laboratório é o mundo. [...] acontecimentos reais da vida humana de cada dia” (JUNG, 1925/1981, §171). O campo da orientação profissional e de carreira poderia ser mais explorado por pesquisadores com referencial junguiano.

5- A minha prática como orientadora profissional e de carreira

Orientação profissional e de carreira não envolve só questões objetivas. Além de informação sobre a carreira, ocupação e profissão o processo compreende se conhecer e elaborar as demandas psíquicas.

É provável que quem procura orientação não faça ideia disso. Quando o processo de orientação profissional e de carreira propriamente dito se inicia, após algumas entrevistas diagnósticas para definição do foco, não é necessário que o cliente discorra exclusivamente sobre seu trabalho. Presume-se que o conjunto do que vai acontecendo durante todo o processo tem relação com o mesmo.

Tenho atendido algumas pessoas com idades entre 38 e 45 anos. Isso me chamou atenção, em primeiro lugar, porque a orientação profissional e de carreira é um campo de trabalho mais conhecido por sua vertente de atuação com adolescentes. Também atendo adolescentes. Por que pessoas na faixa dos quarenta anos começaram a me procurar mais? Quais os motivos levam alguém dessa idade à orientação profissional e de carreira?

Jung (1925, 1981) dizia que a melhor forma de compreender algo é vivê-lo. Os primórdios de minha prática profissional como orientadora remontam à minha própria mudança de carreira, pouco antes dos trinta anos. Eu estava há algum tempo insatisfeita porque não considerava meu trabalho recompensador.

Havia sim muitas coisas interessantes, dentre elas e principalmente, as pessoas que conheci e os amigos que fiz. Também consegui desenvolver um trabalho de peso: coordenava praticamente sozinha um evento internacional com dez palestrantes estrangeiros que cobriam todos os nichos do negócio da comunicação, em duas sessões diárias, durante uma semana, para um público de mil e quinhentas pessoas.

Ver o evento acontecendo era sim recompensador, impossível negar. Quando afirmo o contrário, pretendo dizer que se tratava de um trabalho calcado na execução. Cansava-me fazer tanto, mas refletir tão pouco. No princípio eu achava que isso se devia à cultura da empresa onde eu trabalhava. Decidi procurar outros empregos, em outras empresas, na mesma área, *marketing*. No decorrer desses processos seletivos fui me dando conta que a ênfase na execução é característica de ocupações nesse segmento. Além disso, todos os trabalhos na área de *marketing* me pareciam iguais, poucas eram as variações.

Mais ou menos assim: chego na empresa, subo dois andares, encontro uma máquina de café, uma copiadora e divisórias que abrigam trabalhadores. Saio dessa empresa, começo a trabalhar em outra, subo cinco andares, encontro uma copiadora, uma máquina de *cappuccino* e baias onde trabalham pessoas. Sou demitida, acho outro emprego, tomo o elevador para o último andar, dou de cara com uma garrafa térmica, umas xícaras e salas onde se reúnem consultores.

Por mais que eu mudasse de emprego, tudo permaneceria essencialmente similar. Como essa essência não me preenchia, resolvi mudar. Mas não procurei um serviço de orientação de carreira. Primeiro porque não sabia que existia. Depois, porque estava em análise há algum tempo. A análise teve papel protagonista na minha mudança de profissão. Não só porque acabei me formando em psicologia poucos anos depois dessa crise profissional, mas principalmente porque me dei conta do quanto eu gostava de refletir aprofundada e prolongadamente, dialogar, interpretar, me entender e entender também o método que promovia meu auto entendimento.

Aos poucos foi se revelando uma distância grande entre meus interesses e meu trabalho e, mais do que isso, uma oposição entre o modo de produção com que eu tinha afinidade e o modo de produção da indústria em que eu me encontrava. Não estou falando de velocidade, ritmo ou jornada de trabalho, e sim de estudar, aprender, demorar para adquirir expertise e ao adquiri-la, iniciar outros aprendizados. Também estou falando de uma prática que corresponda ao estudo. Ou vice-versa. Mas tudo isso pode ser apenas o viés em que me agarrei para conseguir operar essa transição. Não posso garantir que o mercado da comunicação e do *marketing* funcionem realmente como eu o apreendi; não posso garantir que seja verdade o que afirmei há pouco sobre um e outro modo de produção. É a minha percepção. Mais: era a minha percepção àquela época.

Além disso, a minha história difere das que inspiram esta pesquisa em dois aspectos: a faixa etária e o desfecho. Eu tinha 30 anos, as pessoas que inspiraram esta dissertação entre 38 e 45; eu mudei de profissão, elas não. Eu não procurei orientação de carreira, elas sim. Teria minha carreira tido outro desfecho se eu tivesse passado por um processo desse tipo? Talvez sim.

Mas, afinal, o que é orientação de carreira?

O próximo capítulo tenta elucidar o campo da orientação profissional e de carreira e traz alguns conceitos relevantes para esta pesquisa.

6- O campo da orientação profissional e de carreira

A orientação profissional e de carreira se expandiu conforme o mundo do trabalho se tornou mais complexo, especialmente na virada do século XX para o século XXI. Novas práticas e conceitos têm surgido em ritmo bastante veloz, tanto na psicologia, quanto nas ciências da gestão, com sobreposições e divergências, a começar pelos conceitos, que ora são usados com um significado, ora com outro. Ribeiro (2011) alerta que a polissemia, a diversidade e a interdisciplinaridade são próprias desse campo.

Dentre as práticas estão a orientação vocacional, a orientação profissional e a orientação de carreira. As duas primeiras costumam ser associadas ao auxílio ao público jovem na escolha e ingresso em cursos de formação profissional.

No início do século XX, a ideia embutida nos conceitos era a da vocação como algo inato, que seria revelado. O suporte necessário era o diagnóstico, que ajustaria a escolha de uma ocupação às características da pessoa, de acordo com o paradigma do homem certo no lugar certo (Ribeiro, 2011).

Um pouco mais adiante, nos anos 1940 a orientação passou a ser entendida como um processo de construção das escolhas vocacionais. Surgiu o conceito de aconselhamento (*counseling*).

Na década de 1950, “a orientação passou a ser um auxílio a qualquer pessoa em qualquer período da vida, que necessitasse ajuda para [o] desenvolvimento [...] de sua vida profissional” (Ribeiro, 2011, p.25). Por trás disso estão as ideias desenvolvimentistas no lugar da ideia de vocação inata, fazendo com que o termo *vocational* fosse substituído por *career*. A concepção de desenvolvimento passou a coexistir com a de vocação.

“Atualmente no Brasil o termo [...] orientação profissional e de carreira é o termo mais usado para designar o que no contexto internacional é chamado de desenvolvimento de carreira (*career development*)” (Ribeiro, 2011, p.27).

A utilização do termo carreira (orientação de carreira, planejamento de carreira, gestão de carreira, desenvolvimento de carreira) diz respeito ao suporte não só no ingresso, mas também nas transições e na saída do mundo do trabalho, tanto em casos de demissões, como de aposentadoria (Ribeiro, 2011).

A concepção de carreira como trajetória profissional no mundo corporativo, caminho padronizado e pré-determinado de cargos e funções, está circunscrita ao que hoje se denomina

carreira externa ou organizacional, oriunda de esforços do campo das ciências da gestão em busca da eficiência organizacional, produtiva e competitiva. Essa foi a concepção dominante durante a primeira metade do século XX. Complementarmente houve autores que postularam a dimensão subjetiva da carreira, ou seja, a interpretação e o sentido que aquela trajetória objetiva teria para cada um.

Carreira subjetiva articula “os processos psicológicos de si no trabalho e da estruturação do mundo do trabalho, e auxilia na elaboração de estratégias de desenvolvimento e de orientação profissional e de carreira” (Ribeiro, 2014, p.46).

Carreira então passou a ser compreendida como “artefato administrativo” pelas ciências da gestão e processo psicossocial pelas ciências do trabalho, ramos que tradicionalmente permaneceram separados, sem produzir conhecimento em conjunto (Ribeiro, 2014, p.46). No entanto, o levantamento bibliográfico feito nesta dissertação localizou alguns trabalhos que buscaram articular as ciências da gestão e as ciências do trabalho para a compreensão do fenômeno da carreira.

Ribeiro (2014, p.79) articula as dimensões objetiva e subjetiva da carreira de forma integrada através do conceito de carreira psicossocial, “uma concepção que [não] opera a separação entre essas duas dimensões da vida humana”. Além disso a concepção de carreira psicossocial permitiria “analisar realidades psicossociais distintas e heterogêneas [...] e fazer uma análise crítica das mesmas”.

Por fim, faz-se importante lembrar que Ribeiro reitera a dificuldade de delimitar os campos do aconselhamento, da orientação e da psicoterapia, observando que alguns autores defendem como não prioritária essa divisão, que se daria em função da demanda do cliente (Schmidt, 1987 apud Ribeiro, 2011, p.56).

[...] Talvez haja mais consenso quanto aos seguintes pontos: (1) não é possível distinguir claramente orientação de psicoterapia; (2) os orientadores praticam o que muitos psicoterapeutas chamam de psicoterapia; (3) os psicoterapeutas praticam o que os orientadores consideram aconselhamento ou orientação; e (4) apesar de tudo o que foi dito, psicoterapia, aconselhamento e orientação são diferentes. (Hahn, 1953, p.232 apud Ribeiro, 2011, p.56).

Esta dissertação destaca a concepção de carreira com foco nos processos psicológicos de desenvolvimento, porque busca justamente articular e aproximar as ideias desenvolvimentistas da psicologia das carreiras com a proposta de desenvolvimento humano

da psicologia analítica. Vale recordar que o desenvolvimento concebido por Jung (1921/2012) sempre engloba o relacionamento com o coletivo, nunca sendo uma história puramente individual, apesar de ser sempre singular. Esta concepção de desenvolvimento será explicada no capítulo 7.

Em relação à distinção entre aconselhamento, orientação e psicoterapia, esta dissertação não a considera prioritária, pois dentro do paradigma junguiano todas essas modalidades de atendimento estariam acompanhando, promovendo e dando suporte ao processo de desenvolvimento psicológico do indivíduo, a individuação. A concepção de orientação de carreira com a qual eu trabalho se assemelha a um processo breve, no qual o foco mais amplo é a carreira e o mais específico é a demanda do cliente naquele momento, sempre buscando o desenvolvimento total da personalidade.

6.1 - O enfoque desenvolvimentista

No final do século XIX o orientador profissional, apesar de responsável por auxiliar a escolha do futuro das pessoas no mundo do trabalho, não tinha ainda referencial teórico constituído. Os enfoques teóricos surgiram a partir do século XX e atualmente são classificados segundo diferentes critérios por vários autores.

Parte dos estudos do campo da orientação profissional e de carreira se concentram na escolha vocacional. Mas Ribeiro (2014, p.20) escreve que a escolha vocacional resolve apenas parte das questões da relação das pessoas com o mundo do trabalho. Dentre os autores que também criticam esse aspecto estão os desenvolvimentistas, que, como já colocado, deslocam o foco da escolha vocacional para o desenvolvimento da carreira. De acordo com esse ponto de vista, a escolha faz parte de algo mais amplo.

Donald Super nos anos 1950 já questionava o modelo traço-fator, baseado no ajustamento entre o indivíduo e a ocupação, próprio do espírito mecanicista da primeira metade do século XX (Ribeiro, 2011). Edgar Schein, por sua vez, propõe que o ciclo de carreira/trabalho é interpenetrado pelos ciclos biossocial e familiar, uma visão mais integrada da trajetória profissional ao longo de toda a vida.

A escolha de autores desenvolvimentistas nesta dissertação se deve à possibilidade de articulação com proposta de desenvolvimento da psicologia analítica, o processo de individuação. Acredito que o campo da orientação profissional e de carreira, em que os

trabalhos tipológicos de Jung já são disseminados, pode se beneficiar também desse conceito da psicologia analítica.

6.1.1- Donald Super

A contribuição do enfoque desenvolvimentista para o campo da orientação profissional e de carreira é a visão de que a escolha profissional é fruto da experiência passada, das circunstâncias presentes e da visão de futuro que uma pessoa possui. A orientação profissional passa a ser definida como “o processo de ajudar uma pessoa a desenvolver e a aceitar um quadro integrado de si próprio e de seu papel no mundo do trabalho, (...) de modo a obter satisfação para si (...) e para a sociedade” (Lassance; Paradiso; Silva, 2011, p.135).

A teoria de Donald Super¹¹ pode ajudar o indivíduo a desenvolver sua carreira. O segmento desenvolvimentista de sua obra “descreve como as pessoas constroem e negociam suas vidas de trabalho e especifica tarefas previsíveis e comportamentos de enfrentamento que encontram ao desenvolver suas carreiras” (Lassance; Paradiso; Silva, 2011, p.147). A sequência das tarefas ao longo da vida constituiria a evolução da carreira e caberia ao orientador profissional a antecipação das mesmas e o consequente preparo do profissional para as enfrentar.

O desenvolvimento vocacional se daria em estágios, denominados maxiciclos, que começariam na infância e se estenderiam até a velhice. Em cada estágio haveria uma ou mais tarefas evolutivas a enfrentar, que poderiam ser facilitadas ou dificultadas por imprevistos técnicos, econômicos e pessoais. Ao longo do tempo Super foi percebendo que os ditos imprevistos se mostraram regra e, assim, começou a pensar que as carreiras estavam deixando de ser lineares.

Respondeu a isso propondo miniciclos na transição de um estágio a outro ou quando acontecem rupturas na carreira do indivíduo. Esses miniciclos representariam a capacidade da pessoa se adaptar às novas demandas e envolveriam “novo crescimento, reexploração e reestabelecimento” (Lassance; Paradiso; Silva, 2011, p.143).

¹¹ Donald Super nasceu nos Estados Unidos em 1910 e morreu em 1994. Sua teoria foi desenvolvida ao longo de 60 anos a partir de dados empíricos. Suas proposições abordam três segmentos das teorias de carreira: desenvolvimentista, do autoconceito e contextual.

A facilidade ou dificuldade com que cada pessoa passa de uma tarefa a outra, ou de um estágio a outro, dependeria de vários fatores, dentre eles sua prontidão em se confrontar com os mesmos, denominada maturidade vocacional, que inclui os recursos cognitivos e afetivos de que cada um dispõe, em comparação aos necessários para se enfrentar a tarefa de carreira colocada. Esses recursos poderiam ser aprendidos, desenvolvidos, aprimorados e amadurecidos. Esse conceito depois foi modificado para adaptabilidade de carreira, mais condizente com o desenvolvimento adulto. Adaptabilidade de carreira são “atitudes e informações necessárias para lidar prontamente com as mudanças verificadas no trabalho e nas condições de trabalho” (Super et al., 1988, apud Lassance; Paradiso; Silva, 2011, p.151).

Em 1980 Super apresentou o modelo do Arco-Iris de Carreira (figura 1) em resposta às críticas de que sua teoria elencava os parâmetros de desenvolvimento profissional sem levar em conta os diferentes contextos em que as carreiras acontecem.

Figura 1 – O Arco-íris de Carreira

Fonte: Lassance, Paradiso e Benso da Silva (2011).

A dimensão temporal do arco-íris de carreira (Life-Span) corresponde à sequência dos estágios vocacionais. A dimensão espacial (Life-Space) corresponde ao contexto sociocultural no qual as carreiras se dão, identificando seis principais papéis que estruturariam e confeririam significado à vida: filho, estudante, trabalhador, papéis relativos ao tempo livre, ao serviço comunitário, à casa e à família.

A espessura mais larga do semicírculo preto representa papel saliente em relação aos outros, o que vai se alterando ao longo da vida. “Uma pessoa em determinado momento da vida pode [...] estar preocupada com as tarefas relativas ao desenvolvimento de sua carreira [...] em detrimento das tarefas evolutivas relativas à [...] família” (Lassance; Paradiso; Silva, in Ribeiro; Melo-Silva, 2011, p.158). A figura 1 mostra a saliência do papel de trabalhador entre os 25 e os 60 anos de idade.

O desempenho concomitante de mais de um papel pode ocasionar problemas como falta de tempo, abalos no comprometimento e conflito de valores entre eles, levando à procura por atendimentos em orientação de carreira. Lassance, Paradiso e Silva (2011) ponderam, no entanto, que se o papel de trabalhador não for saliente, não haverá motivação suficiente para a busca de atendimentos desse tipo.

Super também propôs o modelo do Arco Normando (Figura 2), que explicita as interações entre indivíduo e sociedade.

Figura 2 – Modelo do Arco Normando

Figura 2. Modelo do Arco Normando (Super, 1990)*

* Tradução dos autores. Reprodução com autorização dos detentores dos direitos autorais.

Nesse modelo o arco superior, que liga o pilar individual ao pilar social, representa a carreira. O self ¹² no centro desse arco pressupõe o indivíduo como “agente ativo na decisão de carreira” (Lassance; Paradiso; Silva, in Ribeiro; Melo-Silva, 2011, p.160), sendo o desenvolvimento de carreira um processo de compromisso e síntese entre fatores individuais e sociais.

Lassance, Paradiso e Silva (in Ribeiro; Melo-Silva, 2011) observam, porém, que as carreiras contemporâneas são mais similares a múltiplos miniciclos do que a um desenvolvimento linear em estágios previsíveis e regulares.

Na sequência, outro autor desenvolvimentista do campo da Psicologia das Carreiras é apresentado, Edgar Schein¹³.

6.1.2- Edgar Schein

Todo o conteúdo deste item, incluindo as propostas de modos de enfrentamento e as menções sobre as teorias da personalidade derivadas da psicanálise e/ou da psicologia analítica, são de autoria de Edgar Schein (1978).

Schein (1978) conta que somente em meados dos anos 1970 a idade adulta passou a ser objeto de estudos sobre o desenvolvimento humano. Ainda assim, esses primeiros estudos foram realizados somente com homens, carregando, portanto, o viés masculino em suas propostas de estágios e crises da vida adulta. O autor também observa que a tentativa de identificar estágios da vida ignora diferenças consideráveis entre as culturas e os níveis socioeconômicos; além disso, o que pode ser considerado um estágio esperado hoje, pode se tornar incomum daqui a uma década.

Entretanto, Schein (1978) também propõe a existência de estágios e tarefas do desenvolvimento. Para ele, cada pessoa pode ser concebida existindo num mundo em que há múltiplos problemas com os quais lidar. Na sociedade ocidental, na maioria das vezes, esses

¹² O self representa a visão que a pessoa tem de si e do ambiente; o modo de organizar e integrar as informações sobre si mesma e sobre o meio no qual está inserida (Oliveira; Melo-Silva; Coleta, 2012).

¹³ Edgar Schein nasceu em 1928 nos Estados Unidos. É Professor Emérito da Sloan School of Management (MIT).

problemas podem ser agrupados em três categorias básicas: carreira/trabalho, biossocial e familiar, considerados como ciclos que interagem.

Em linhas gerais o ciclo de carreira/trabalho compreende o aprendizado, as contribuições produtivas para uma ocupação ou organização e eventualmente se direciona à aposentadoria. O ciclo biológico envolve crescimento e aquisição de habilidades antes de se dirigir ao estágio final, a morte. O ciclo familiar envolve procriação, educação e criação dos filhos para sua independência e desenvolvimento.

Cada um dos ciclos propostos por Schein oferece muitas opções e escolhas que influenciarão tanto a qualidade de uma vida, quanto o grau de preparo para a morte. Além de interagir, os ciclos se sobrepõem, o que pode ser benéfico ou problemático.

Figura 3 – Ciclos de Vida

Fonte: Schein, 1978

A figura acima é um esquema gráfico dos três ciclos básicos da vida. Os vales representam períodos regulares e rotineiros, de baixa dificuldade e com menor nível de estresse, enquanto os picos são obstáculos ou momentos de escolha que envolvem maiores dificuldades e maior nível de estresse. A ocorrência de mais de um pico ao mesmo tempo requer grande quantidade de energia emocional. É o que podemos observar na transição da metanoia, representada por A3 e C2 na figura. A3 e C2 são seguidos por B3 no esquema, dando uma dica da potencial crise que pode eclodir nessa transição da vida (Schein, 1978).

Mas como o indivíduo enfrentará essas dificuldades que a vida apresenta?

Schein (1978) entende que as teorias da personalidade derivadas do modelo freudiano propõem a permanência dos modos de enfrentamento ao longo da vida: a personalidade da infância permaneceria por toda a vida e cada transição reacenderia antigos conflitos e reativaria antigos modos de enfrentamento.

Schein (1978) compreende que a psicologia analítica, por sua vez, postula o desenvolvimento como descontinuidade. Ele afirma que as concepções teóricas daí derivadas propõem que os aspectos inconscientes da personalidade não desaparecem, podendo permanecer dormentes por longo tempo e emergir na metanoia ou até mais tarde. A vida seria um processo de contínuo desdobramento em que se prosseguiria desenvolvendo potenciais antes não utilizados.

Schein (1978, p.25-26) soluciona a aparente antítese entre o raciocínio freudiano da permanência e o junguiano da descontinuidade conforme segue: “a oportunidade de adquirir novos talentos, novos valores e novos traços de personalidade é provavelmente parte significativa da vida, mas a forma como se usa essas oportunidades reflete, por sua vez, experiências localizadas na infância”. Para o autor são pequenos, mas críticos, os ajustes necessários no modo de vida para a continuidade do desenvolvimento adulto.

Vale observar, no entanto, que Schein (1978) parece entender que o desenvolvimento acontecerá espontaneamente, enquanto Jung (1939/2011) considera que a personalidade tende a não mudar, a não ser que haja necessidade.

Embora os estágios, tarefas e desafios do ciclo carreira/trabalho que Schein (1978) propõe sejam mais aplicáveis às carreiras organizacionais, pode-se considerar que alguns fenômenos que ele atribui à transição da metanoia são comuns a carreiras não organizacionais.

Schein (1978) afirma que a carreira pode ser interrompida, abortada, alterada, retomada e influenciada por oportunidades e incentivos. As pessoas podem permanecer desempregadas, mudar de emprego ou decidir mudar de carreira, reiniciando em postos mais baixos do que ocupavam antes. O desenvolvimento tecnológico pode tornar certas ocupações obsoletas. Além disso, as organizações podem promover uns e afastar outros, intervindo unilateralmente na carreira de seus funcionários.

Assim pode-se dizer que nenhuma pessoa tem o controle total do rumo de sua carreira e que, ao conceber o ciclo de carreira/trabalho, Schein (1978) propôs um ideal, que, apesar

disso, se mostra apropriado e relevante como ferramenta profilática para o enfrentamento de transições e o desempenho de tarefas cruciais, mas previsíveis.

Na transição da metanoia, quando se costuma reavaliar os compromissos firmados anos antes e comparar o que se ambicionava com o que se alcançou, a orientação de carreira pode ser indicada tanto para preparar o indivíduo para as transições que ainda estão por vir, como para auxiliar a conferir a devida dimensão aos eventos de sua trajetória profissional. Para muitos, esse é um período de crise na carreira, em que pode ser necessário decidir entre equilibrar ambições e resultados ou avançar em direção a novos desafios. Também é recomendável pensar qual será a importância relativa do trabalho na vida daí em diante.

Quem conhece seus talentos, valores e necessidades e sabe qual será seu futuro na organização, ou o futuro de sua ocupação ou profissão, tem as informações básicas para repensar sua situação de trabalho em relação às necessidades e demandas pessoais e familiares (Schein, 1978).

Assim, parte do trabalho de orientação de carreira é se conhecer, parte é informação sobre a carreira, ocupação e profissão e parte é saber quais as demandas familiares. Atualmente, no entanto, é necessário se perguntar se ainda existe a possibilidade de alguma previsão sobre o futuro de uma organização, de uma profissão, de uma ocupação.

Schein (1978) também lembra dos possíveis conflitos entre as necessidades familiares e de trabalho. Alguém que reconhece que as necessidades financeiras e de segurança de sua família não serão atendidas por seu trabalho, acaba fazendo todo tipo de esforço extra ou então se comprometendo menos com o trabalho ou com a família.

A crise do meio da carreira¹⁴ também compreende o desafio de permanecer atualizado em sua especialidade e até mesmo questionar se essa tentativa vale a pena, frente à competição de pessoas mais jovens, à velocidade das mudanças e ao declínio da disposição.

Schein (1978) afirma que duas questões são comuns a quase todos: como se tornar um mentor dos mais jovens e como se desengajar quando chegar a aposentadoria. Mas é preciso ter em mente que este autor se encontra num centro de excelência universitária dos Estados Unidos, o MIT, sendo recomendável verificar se o desengajamento do trabalho e a mentoria de jovens

¹⁴ A crise do meio da carreira é a crise da transição para a metanoia se expressando no ciclo de carreira/trabalho (Schein, 1978).

são fenômenos que se repetem na realidade brasileira. Esta pesquisa, no entanto, não se incumbirá de tal verificação que não condiz com seu objetivo.

Também é importante notar que a velocidade e o modo com que as pessoas avançam níveis hierárquicos ou funcionais e são incluídas nos círculos de poder das organizações dependem de inúmeros fatores, nem todos previsíveis. Por isso, ao analisar os estágios de carreira, Schein (1978) os concebe como amplos conjuntos de desafios e tarefas comuns a todos, em vez de tentar relacionar cada um a uma idade específica. Além disso esse autor destaca a dificuldade de prever a real interação entre as questões de carreira, familiares e pessoais.

Também costuma ser necessário na transição da metanoia confrontar sonhos e realidade, o que permitirá decidir entre aceitar a realidade presente ou trabalhar para o futuro que se deseja. A partir dessa reavaliação pode-se tomar alguns caminhos. Schein (1978) não aborda as decisões com que lidariam pessoas que não atuam em organizações, como autônomos, profissionais liberais, empreendedores, uma lacuna da produção do autor, pois ainda que a maior parte das oportunidades de trabalho esteja dentro de organizações, outras configurações de trabalho também suscitem questionamentos na transição da metanoia. Em relação aqueles que fazem parte de organizações, Schein (1978) os divide em dois grandes grupos e sugere algumas saídas para a crise do meio da carreira.

Quem tem cargos de liderança em organizações pode optar por formar sucessores, transmitindo conhecimento para as tarefas do dia-a-dia, enquanto migra para uma visão mais global da empresa, que contemple objetivos de longo prazo e seu papel social. Também pode usar suas habilidades, desenvolvidas ao longo de seu tempo de colaboração no mercado corporativo, para abrir seu próprio negócio, aprendendo a transformar em produtos e serviços o que antes eram suas atribuições.

Profissionais sem cargo de liderança podem decidir ampliar e aprofundar seus interesses, habilidades e responsabilidades, seja para ocupar cargos de liderança, ou para seguir uma carreira técnica. Ou podem aprender a orientar e desenvolver pessoas e se tornar um mentor. Ou elaborar a aceitação de exercer menor influência e ter menos desafios, para iniciar sua saída do mundo corporativo e apostar em seu crescimento nos outros ciclos da vida.

Um desses ciclos é o familiar. A família é uma unidade complexa, composta de vários membros, cada um vivendo seus próprios ciclos.

Ainda que a variação nos modelos e nos arranjos das famílias seja hoje enorme, e que essa diversidade tenda a aumentar, é possível identificar temáticas comuns. Seus componentes essenciais são o forte vínculo, a decisão sobre ter ou não filhos e por qual meio, o comprometimento de longo prazo com outras pessoas – filhos, parceiros e pais - e a necessidade de elaborar algumas questões com a família de origem (Schein, 1978).

Os compromissos de grande vulto e longo prazo que se assumem com outras pessoas são a essência do que diferencia a família dos outros ciclos. Tais compromissos podem ser emocionais, morais e/ou legais e por toda a vida. Desta forma, os conflitos entre trabalho e família costumam ser os mais severos, requerendo capacidade de adaptação tanto do trabalhador, quanto da organização para a qual trabalha.

Ainda persiste a organização familiar em que a divisão de tarefas se dá por gênero: o homem provê os recursos e a mulher se encarrega do cuidado com a casa e, se o casal tiver filhos, com eles. Porém, além das variações nos modelos familiares, há pouco mencionada, há de se levar em conta que atualmente tanto o papel de provedor quanto o de apoio tem sido mais e mais desempenhados por ambos os cônjuges. Frente a isso é necessário perguntar como cada casal elabora e enfrenta a concorrência entre as demandas familiares e profissionais. Quais são as opções de divisão de tarefas familiares e profissionais quando ambos trabalham? Como reduzir a tensão nessas famílias? (Baylin, 1977 apud Schein, 1978).

A carga horária, os turnos, a localização, a frequência de viagens, as realocações e expatriações, a remuneração, o prestígio da ocupação, o tipo de trabalho e seu ambiente emocional podem impactar negativa ou positivamente a vida em família. A possibilidade de delegar tarefas profissionais aumenta as chances de equilíbrio entre o envolvimento com a carreira e com a família (Schein, 1978). No entanto, não se pode afirmar que hoje o trabalho, mesmo que delegado, permaneça restrito ao escritório, dados os dispositivos e a tecnologia que permitem que seja presente 24 horas por dia.

O terceiro ciclo da vida que Schein (1978) esquematiza é o biossocial. Ele explica que as mudanças biológicas e as normas culturais sobre o que é esperado em cada idade estavam na base das principais questões do desenvolvimento adulto no final da década de 1960 (Neugarten, 1968 apud Schein, 1978). Mas, novamente, Schein (1978) pondera que existem enormes variações individuais tanto na sequência de eventos quanto na idade em que ocorrem, tornando difícil a tentativa de sumarizar a vasta série de eventos que compõem uma vida.

Na transição da metanoia, adquire-se consciência de ter vivido boa parte da vida, sendo preciso reconhecer a própria mortalidade. Conforme já colocado, isso força o confronto entre as consequências dos compromissos assumidos previamente com os sonhos, as esperanças e as ambições de antes (Jacques, 1965, Rogers, 1974 apud Schein, 1978, p.28).

Além disso, o crescimento dos filhos, que podem estar transitando entre a adolescência e a idade adulta, faz os pais reviverem seus próprios conflitos adolescentes, configurando uma oportunidade de encontrarem novo equilíbrio. Há que se lidar também com sua eventual saída de casa, embora recentemente temos tido notícias de pessoas perto dos 40 anos que continuam a viver com os pais. No entanto, em paralelo ao que já se escreveu sobre o início da vida adulta, o que importa na maturidade é a dimensão psíquica dessa questão: conseguir se separar psicologicamente dos pais e dos filhos. Para tanto, seria necessário assumir maior responsabilidade pelo aspecto singular da própria vida, ou, em termos junguianos, conscientizar-se e responsabilizar-se por seu processo de individuação.

Na década de 1970, as consequências mais relevantes de se ter filhos adolescentes ou adultos na transição da metanoia eram a ociosidade que sobrevinha à mulher e seu correlato sentimento de vazio, a necessidade de estabelecer novos padrões de intimidade entre o casal e a descoberta que após a partida dos filhos cada um poderia contar basicamente com o parceiro. Hoje algumas dessas consequências estão mais amenas ou desapareceram: a mulher frequentemente tem sua própria carreira e seu círculo social, não estando sua existência ligada unicamente ao cuidado com a casa e com os filhos e a expectativa de vida se alongou, fazendo com que pessoas na transição da metanoia muitas vezes tenham os pais vivos, que, além de ser figuras de suporte, também podem ser pessoas necessitadas de cuidados. A própria permanência mais prolongada dos filhos em casa altera a dinâmica dos papéis e, conseqüentemente, as transformações sociais nessa transição da vida.

De qualquer forma, a elaboração dos problemas que emergem nesse período passa por maior aceitação de si mesmo, maior satisfação e o aprendizado de que a responsabilidade pela própria vida é pessoal e intransferível (Schein, 1978).

Quanto às transformações biológicas, ainda que a tecnologia em saúde tenha se aprimorado sobremaneira dos anos 1970 para cá, são inegáveis os sinais de envelhecimento com que se tem que lidar ao menos em frente ao espelho. Além disso, o tempo pode parecer estar transcorrendo demasiado rápido, ocasionando senso de urgência nas pessoas que estão

nessa transição: seja qual for a contribuição que se quer dar ao mundo, precisa ser dada imediatamente.

Esse conjunto de transformações biopsicossociais pode ocorrer como uma transição – gradativamente – ou irromper como uma crise. O próximo capítulo discorrerá sobre a psicologia analítica ou junguiana e como ela concebe o processo de desenvolvimento humano, com maior aprofundamento na transição da metanoia.

7- A psicologia de Carl Gustav Jung e as escolas do pensamento junguiano

Pode-se considerar que a psicologia analítica é a psicologia criada e proposta por Carl Gustav Jung, que viveu de 1875 a 1961, na Suíça. Esta abordagem tem uma concepção própria sobre o inconsciente, o aspecto criativo da psique, o desenvolvimento psíquico que se dá ao longo da vida toda e a própria prática clínica.

Já no final da vida de Jung, e sobretudo após sua morte, a psicologia analítica continuou se desenvolvendo por diversos autores, cada um priorizando alguns aspectos em detrimento de outros.

A partir de 1967 Adler, Fordham, Goldenberg e Samuels, principalmente, propuseram alguns agrupamentos e classificações dos autores pós-junguianos em escolas. Para efeito deste trabalho farei uso da classificação de Samuels, levando em conta que se baseia em prioridades, não em especificidades, conferindo-lhe a vantagem de, além de esclarecer as diferenças entre as escolas, elucidar o que há de comum entre elas.

Samuels (1989) seleciona aspectos na discussão teórica e na prática clínica para demonstrar que são as suas ordenação e ponderação que alicerçam e diferenciam cada uma das escolas pós-junguianas. Os aspectos teóricos são a definição de arquétipo, o conceito de self e o desenvolvimento da personalidade. Os aspectos clínicos são a análise da transferência-contratransferência, a ênfase na experiência simbólica do self e o exame de imagens.

Segundo Samuels (1989) cada escola prioriza um ou outro aspecto dos três aspectos teóricos e dos três aspectos clínicos. A opção por uma classificação segundo a priorização - não a exclusão - se dá porque os analistas junguianos fariam uso de todos os conceitos teóricos e estariam interessados em todos os aspectos clínicos, a depender do momento e do paciente. Assim, as escolas não seriam excludentes, sua classificação se devendo à ênfase dada a cada um dos aspectos anteriormente mencionados.

São três as escolas da classificação de Samuels:

A escola clássica, quanto aos aspectos teóricos, valoriza em primeiro lugar o conceito de self, em segundo lugar a definição de arquétipo e por último o desenvolvimento da personalidade. Quanto aos aspectos clínicos, os clássicos dão mais atenção à experiência simbólica e depois à análise da transferência-contratransferência e ao exame de imagens.

A escola arquetípica elege como seu principal aspecto teórico a definição de arquétipo¹⁵, seguido pelo conceito de self, dando pouca ênfase ao desenvolvimento da personalidade. Sua clínica está apoiada majoritariamente no exame das imagens, seguido pela experiência simbólica do self e então a análise da transferência-contratransferência.

A escola desenvolvimentista dá mais peso teórico ao desenvolvimento humano, seguido pelo conceito de self e depois pela definição de arquétipo. Quanto à prática clínica, prioriza a análise da transferência-contratransferência e alterna em segundo lugar os outros dois aspectos, a experiência simbólica do self e o exame das imagens.

Para além da classificação proposta por Samuels é importante mencionar a psicologia simbólica, embasada na noção ampliada de arquétipo, proposta pelo analista junguiano brasileiro Carlos Amadeu Botelho Byington (1933-2019).

Byington (2006) diferenciando-se de Jung, discrimina o self, totalidade consciente-inconsciente e o arquétipo central, que o autor designa como o principal dos arquétipos. Para esse autor “o processo de elaboração simbólica é a principal atividade psíquica para formar a consciência, (...) que é feita **invariavelmente** pelo arquétipo central e pelos quatro arquétipos regentes e, circunstancialmente pelos demais arquétipos” (Byington, 2006, p.11- 14. Grifo do autor). Os quatro arquétipos regentes são o arquétipo matriarcal, o arquétipo patriarcal, arquétipo da alteridade e arquétipo da totalidade.

O arquétipo da alteridade interage com as polaridades consciência e inconsciente em relação dialética, na qual ambos os polos teriam igual direito de expressão (Byington, 2006). O arquétipo da alteridade seria o arquétipo da democracia, da criatividade e do amor. O autor também postula os conceitos de self cultural e arquétipo da humanização: a história humana seria um processo de humanização mais amplo, que englobaria a somatória dos processos de individuação de cada um de nós, compondo uma teoria arquetípica da história.

Esta dissertação apoia-se principalmente na escola desenvolvimentista junguiana. Mas, levando em conta que as escolas não são excludentes, algumas propostas de autores de outras escolas serão também consideradas na tentativa de elucidar melhor os desafios do processo de

¹⁵ Um arquétipo é a expressão condensada do processo vivo, comum a todos os povos e todos os tempos [o inconsciente coletivo]; manifesta-se por imagens e carga energética e somente pode ser experienciado indiretamente (Jacoby, 1971).

desenvolvimento na transição da metanoia, dando especial atenção aos que se expressam nas pessoas que buscam orientação de carreira.

7.1 - Processo de individuação, a proposta de desenvolvimento da psicologia analítica segundo Jung e outros autores

A vida se dá num entrelace entre passado, presente e futuro, um todo que tende ao desenvolvimento, mas sem nunca alcançar o ideal que vislumbra. “A singularidade da psique é uma grandeza em vias de realização, nunca de um modo total, mas aproximativo, a qual é ao mesmo tempo o fundamento imprescindível de toda consciência” (Jung, 1940/2011 §291).

O desenvolvimento na ótica da psicologia analítica é abordado pela noção de processo de individuação, enfatizando já em sua denominação a tarefa de diferenciar-se e a característica processual. A individuação se desenrola por toda a vida, do nascimento à morte e caminha do mais coletivo e universal em direção ao mais singular. Como tendência arquetípica é um potencial comum a todas as pessoas.

O processo de individuação leva à diferenciação e formação do peculiar, do que já está presente a priori, a disposição natural. “O sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos seus aspectos” (Jung, 1916/1983, §186). Para a psicologia analítica o processo de desenvolvimento é inescapável à condição humana.

Porém Jung assinala que esse processo engloba o relacionamento com o coletivo, em contraposição às críticas de que a individuação levaria a um isolamento social. Essas críticas talvez não diferenciem individuação de individualismo. O caminho individual não é uma oposição à norma coletiva, mas algo como um desvio singular, que dela precisa para sua orientação, desde que seu papel não seja o de sufocamento da singularidade (Jung, 1921/2012). E, embora potenciais inatos sejam fundamentais nesse processo, há também toda a influência do ambiente e de como o ego se desenvolve e se posiciona nas diferentes situações vividas.

Vilhena (2009, pp.33) esclarece que “para dar vazão e expressar as características individuais é necessária a experiência da troca afetiva com outro ser humano [...]” e lembra que esse processo se denomina humanização do arquétipo. Na abordagem da psicologia analítica o ego não deve ser compreendido como a totalidade da psique, mas como um complexo dentre

tantos outros. “O eu é o sujeito apenas da minha consciência, [...] o si-mesmo¹⁶ é o sujeito do meu todo, também da psique inconsciente. [...] O si-mesmo seria uma grandeza (ideal) que encerraria dentro dele o eu” (Jung, 1921/2012, §796).

À ocasião do nascimento, o ego¹⁷ existe apenas em estado potencial, latente, uma semente imersa no inconsciente, ao qual seu desenvolvimento estará subordinado (Stein, 2005). Consciência e inconsciente são ambos aspectos da vida, por isso, o processo de individuação pressupõe que consciência e inconsciente possam colaborar abertamente na vida humana formando o todo, o indivíduo. “A consciência deveria defender sua razão e suas possibilidades de autoproteção, e a vida caótica do inconsciente também deveria ter a possibilidade de seguir o seu caminho, na medida em que o suportarmos” (Jung, 1939/2011, §522).

Mas, no começo da vida, a consciência enfrenta uma batalha de diferenciação em relação ao inconsciente. Conforme cresce, a criança vai ganhando alguma capacidade de distinção entre o eu e o outro e projeta em seus pais onipotência e onisciência. Aos poucos, se insere progressivamente em outros ambientes e outras figuras passam a ser também portadoras de projeções. À experiência pessoal da criança somam-se opiniões e experiências dessas outras figuras, num processo chamado de aculturação e adaptação ao contexto em que vive, em que se formam os complexos. Os complexos se formam a partir da base arquetípica e da experiência vivida.

Depois começa a surgir a necessidade de reconhecer e aceitar o que é diferente e estranho como parte de si mesmo. As projeções tenderão a diminuir e migrarão para ideologias e figuras mitológicas. As projeções dessas figuras mais abstratas também serão retiradas, e, se a consciência continuar a se desenvolver, se voltarão para o próprio ego. O ego pode se identificar com tantas projeções e inflar. A pessoa estará então correndo risco de cair em megalomania ou depressão. Mas, se conseguir elaborar tais inflações, o ego será capaz de autocrítica e reflexão (Stein, 2005).

Então, compensatoriamente, a psique demandará que as limitações do ego e os poderes do inconsciente sejam reconhecidos. Consciente e inconsciente podem se reunir sem perder a alcançada diferenciação. Aspectos sombrios poderão ser vistos como potenciais de

¹⁶ Para efeitos deste trabalho *self* e *si-mesmo* são considerados sinônimos.

¹⁷ Para fins desse trabalho os termos eu e ego são considerados sinônimos, referindo-se ao centro da consciência.

desenvolvimento. A dinâmica ego-sombra-persona se modifica. Estamos falando da transição da metanoia.

A partir daqui trarei outro autor, Daniel J. Levinson (1920-1994), psicólogo americano que se aproxima da psicologia analítica porque também trabalha com o conceito de polaridades psíquicas. A relevância desse autor baseia-se nas entrevistas que ele realizou junto com colaboradores. Levinson entrevistou 40 homens entre 1968 e 1973 e 45 mulheres entre 1980 e 1982. Foram feitas oito a dez sessões de entrevistas individuais, semanalmente, por dois ou três meses, gerando 15 a 20 horas de gravação por participante. Tanto homens, quanto mulheres tinham entre 35 e 45 anos. Os homens dividiam-se em quatro categorias profissionais: horistas, executivos, biólogos e escritores. As mulheres foram agrupadas em três categorias: donas de casa, mulheres com carreiras acadêmicas e mulheres com carreiras corporativas. O objetivo das entrevistas foi examinar o processo de desenvolvimento adulto durante essa década da vida, dentro de e gerando uma perspectiva de gênero: como as circunstâncias e o curso da vida divergem entre homens e mulheres e seus diferentes modos de atravessar os períodos de desenvolvimento (Levinson, 1979, 1996).

A psicologia analítica concebe o desenvolvimento humano como não linear. Levinson (1996) fala em ciclo da vida humana, formado por uma sequência de eras parcialmente sobrepostas, cada uma com suas características biopsicossociais e contribuindo distintamente para o todo. Uma nova era inicia enquanto a anterior ainda se aproxima do fim. Em cada era existem diferentes períodos de desenvolvimento, que para o autor se iniciam e terminam em idades médias bem definidas. Na transição de uma era a outra, que costuma levar em torno de cinco anos, ocorrem as grandes transformações.

As eras e as transições entre elas formam o ciclo de vida, uma ordenação subjacente a toda vida humana, mas que permite uma miríade de variações culturais e individuais.

Da pesquisa de Levinson (1996) surge o conceito de estrutura de vida: padrão da vida de uma pessoa num dado momento, cujo componente primário são suas relações com os vários outros, pessoas vivas, presentes e reais, pessoas mortas ou do passado, figuras simbólicas ou imaginadas, grupos e instituições, a natureza, um lugar amado ou odiado, uma obra de arte, um livro. O critério central é ser significativo. Para avaliar a estrutura de vida de um adulto é necessário, dentro dessa concepção, examinar o padrão e a natureza de suas relações e a evolução das mesmas com todos esses outros ao longo dos anos, pois são elas que conferem forma e conteúdo a uma vida e são o meio através do qual participamos do mundo a nossa volta.

Os componentes centrais¹⁸ de uma estrutura não costumam passar de dois ou três e na maior parte das vezes são a família, o relacionamento amoroso e a ocupação. No entanto, o peso de cada um varia infinitamente de pessoa a pessoa, podendo até mesmo um deles não existir na vida de alguém, sem deixar de ser central.

A ocupação transcende as atividades, recompensas e o pertencimento a uma determinada categoria profissional. Para entender o papel da carreira na vida de alguém o autor diz ser preciso examinar suas múltiplas relações com as várias partes do mundo do trabalho e com o todo e entender como ela se entrelaça com os outros componentes da estrutura de vida.

A estrutura de vida delimita a fronteira entre o self e o mundo externo, media a relação entre eles e conecta-os, assim como os separa. A estrutura de vida nasce justamente do compromisso do self com o mundo externo e seu desenvolvimento é delineado por fatores tanto de um quanto de outro. Essa concepção pede que pensemos simultaneamente no self e no mundo externo, em vez de dar prioridade a um ou outro, ou considerar que um derivaria do outro.

Durante os anos adultos a estrutura de vida se desenvolve numa sequência de períodos que se alternam entre construção, manutenção e transformação. Num período de construção e manutenção fazemos escolhas e perseguimos objetivos e valores condizentes com elas. Então começamos a questionar a estabilidade assim adquirida e precisamos modificar a estrutura até então construída. Sobrevém um período de transição, que inicia com esse questionamento, segue com a exploração das possibilidades subjetivas e objetivas de mudança e avança em direção ao comprometimento com escolhas que formarão as bases para uma nova estrutura de vida no período subsequente. Nenhuma estrutura de vida é permanente: transformações de tempos em tempos são inerentes à natureza humana.

Assim como Jung, que escreveu que “a ascensão e o declínio formam uma só curva” (Jung, 1934/1971, §800), Levinson (1996) defende que o processo de desenvolvimento humano precisa ser compreendido além da concepção de crescimento, como evolução. Evoluir

¹⁸Centrais são os componentes investidos da maior parte do tempo e da energia de alguém, capazes de influenciar os demais componentes, chamados periféricos (Levinson, 1996).

compreende os dois sentidos do crescimento: ascendente, em direção à vida adulta (adolescência) e descendente¹⁹, em direção ao envelhecimento (senescência).

O desenvolvimento centrado unicamente no crescimento é para Levinson (1996) uma ilusão alimentada pelos processos que se dão nos primeiros 20 anos de vida: grandes ganhos de complexidade cognitiva, expansão do corpo, capacidade adaptativa e formação da personalidade. Mas tais processos se estabilizam, depois entram em declínio e então começa a preponderar a senescência, que por se encerrar somente com a morte, costuma ser mais extensa do que a preponderância da adolescência. A concepção do desenvolvimento centrado na infância e na adolescência carrega consigo uma visão desanimadora do desenvolvimento adulto, pois tende a ignorar as potencialidades e conquistas próprias da metanoia.

Mesmo reconhecendo a estranheza disso, Levinson (1996) delimita faixas etárias correspondentes a cada uma das eras e a cada um dos períodos, com base nas pesquisas que realizou tanto com homens, quanto com mulheres. Conforme já mencionado, uma era inicia quando a anterior ainda está se aproximando de seu fim; essas sobreposições são as chamadas transições. As quatro eras propostas pelo autor são infância (0 a 22 anos), início da vida adulta (17 a 45 anos), meio da vida adulta (40 a 65 anos) e vida adulta tardia (a partir dos 60 anos).

Como funciona a dinâmica da psique na individuação?

As funções que garantirão a formação do ser único são o potencial de adaptação à coletividade, o automorfismo e a centroversão. São tendências complementares coexistentes e contribuintes para o desenvolvimento do indivíduo. Neumann (1980, p.10) conceitua o automorfismo como “a necessidade de formar seu próprio ser a partir dos elementos particulares que o constituem, no interior da coletividade e, se necessário, independentemente dela ou em oposição a ela”. A centroversão é a função do self responsável pela integração da personalidade, ampliação e síntese da consciência (Neumann, 1980).

A ampliação da consciência – a individuação - depende da discriminação entre os polos opostos, da diferenciação entre eles. Esse processo vai ocorrendo durante toda a vida. Mas a psique corre constantemente o risco de ficar presa a um dos polos, estancando o

¹⁹ Os termos ascendente e descendente referem-se à comparação do desenvolvimento humano com o movimento do sol durante um dia: nasce no horizonte, ascende até atingir o pico ao meio-dia e desce até o horizonte para se pôr ao final do dia.

desenvolvimento. Sendo um sistema sempre em busca de equilíbrio, quando isso acontece, a própria psique ativa símbolos mobilizadores da consciência, buscando colocar o desenvolvimento em marcha novamente (Vilhena, 2009). A fixação em um dos polos é chamada de unilateralidade da psique.

Jung (1921/2012) define o ego como um complexo de representações com grande continuidade e identidade consigo mesmo, que é, além de um conteúdo, uma condição. “Um conteúdo psíquico me é consciente enquanto estiver relacionado com o complexo do eu” (Jung, 1921/2012, §796). O complexo se constitui a partir de uma base dupla: o arquétipo e a experiência vivida.

Mas o ego não é um complexo como qualquer outro, é diferenciado, especialmente quando se identifica espontaneamente com o símbolo do herói, cuja proeza consiste em finalizar a tarefa de discriminação do self e, ao mesmo tempo, reconhecer sua existência. Uma das manifestações da tarefa heroica na juventude é a busca por atingir os ideais de eficiência e utilidade (Jacoby, 1971). Nas palavras de Jung (1930/1971, §771) “conquistar um lugar na sociedade e modificar a própria natureza original de modo que ela se adapte mais ou menos a esta forma de existência constitui um fato notável”. A constelação do herói na juventude colabora com a função de aculturar e adaptar o jovem ao contexto coletivo no qual ele vive.

No entanto, como o processo de individuação não se resume a adaptação e aculturação, contamos com a “função transcendente, que traça as linhas de desenvolvimento individual que não poderiam ser adquiridas pelos caminhos prescritos pelas normas coletivas” (Jung, 1921/2012, §854).

A função transcendente permite a discriminação entre o singular e o coletivo por meio dos símbolos que emergem na consciência, que não existem de per si. É a atitude da consciência que confere tal caráter a um determinado conteúdo psíquico. A psicologia junguiana concebe a expressão simbólica como “a melhor formulação possível de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara” (Jung, 1921/2012, §904).

O símbolo não se resume a um sinal, a um sintoma, não é tomado como representação de algo oculto e não remete apenas a uma causa ou uma origem, mas também a uma finalidade, um vir a ser. O sintoma sim expressa a subordinação de um polo da psique a outro, suprimindo o direito à existência de todas as suas partes. Falta ao sintoma o efeito libertador do símbolo (Jung, 1921/2012, §912).

A subordinação de um polo da psique a outro pode surgir nos sonhos como ataques violentos a alguém mais vulnerável. O sonhador se sente vitorioso por ser o agressor, sem compreender que quanto mais o vulnerável for agredido, menos articulação haverá entre os dois polos e mais difícil será a transformação psíquica. Num caso como esse é importante que o processo terapêutico tente abrir possibilidades de diálogos entre esses polos, por exemplo, esclarecendo que todos os elementos do sonho são aspectos da personalidade do sonhador.

Por outro lado, quando há equivalência de forças entre os polos, nenhuma escolha se faz necessária. Aparentemente a energia psíquica diminuiu. Mas, na verdade, regrediu ao inconsciente, estando por ora indisponível para a consciência. Isso pode ativar complexos dotados da mesma carga energética que o ego perdeu, fazendo surgir conflitos antes imperceptíveis. Esses conflitos, por sua vez, farão surgir, por meio de um ou mais símbolos, novos conteúdos, relacionados tanto a um polo quanto a outro, formando nova base onde os opostos poderão coexistir numa nova síntese. Com isso a libido volta a fluir do inconsciente para a consciência.

A elaboração dos novos conteúdos possibilita uma nova adaptação ao mundo externo, a vida volta a fluir com novas forças e novos objetivos, o indivíduo se torna mais consciente. O desenvolvimento estava o tempo todo em andamento. Todo esse processo é o que se denomina função transcendente, por transcender a atitude anterior da consciência para uma outra (Jung, 1921/2012, §912-917).

Extroversão e introversão correspondem a atitudes, pensamento, sentimento, intuição e sensação são funções. A função superior é o modo de processar a realidade com o qual nos sentimos mais à vontade. A função inferior é o modo com que nos sentimos menos à vontade (Hollis, 1995). A combinação de atitudes e funções resulta nos dezesseis tipos psicológicos propostos por Jung (Jung, 1921/2012).

Tanto o extrovertido quanto o introvertido experimentam a progressão da libido, cada um a seu jeito. O mesmo vale para a regressão²⁰. Quando, em uma dada situação, a função superior se mostra ineficiente, a pessoa comumente se sente frustrada e derrotada. Nesse momento outras funções não tão acessíveis à consciência são acionadas. Stein (2005) afirma que a libido regride ativando tipicamente a função inferior, inconsciente, cuja “falta de

²⁰ Progressão: movimento da libido do inconsciente para a consciência.
Regressão: movimento da libido da consciência para o inconsciente.

competência adaptativa é por demais evidente, mas o ego é desafiado [...] [a] iniciar a tarefa de adaptação à face oculta da personalidade – o inconsciente” (Stein, 2005, pp.77-78). A emergência da função inferior como compensatória da psique e indicadora do caminho de desenvolvimento é um dos fenômenos da transição da metanoia, assunto que será abordado no próximo item.

7.2 - Persona e Sombra, Adolescência e Metanoia

Na psicologia analítica, em especial na concepção junguiana, a adaptação social está relacionada ao conceito de persona, o arquétipo e o complexo então formado, que embasam os muitos papéis desempenhados pelos indivíduos na sociedade. A persona é um acordo entre indivíduo e sociedade (Jung, 1908/1984), que exige uma constrição dos impulsos naturais. Villares de Freitas lembra que a partir de 1916 Jung passou gradualmente a restringir o conceito de persona à adaptação social, tratando-a como uma máscara superficial que deveria ser removida para que “o self em toda sua exuberância pudesse se revelar e a consciência se ampliar” (Villares de Freitas, 1995, p.200). Nessa acepção a formação da persona se daria majoritariamente na juventude e em paralelo se formaria a sombra. “A sombra é caracterizada pelos traços e qualidades que são incompatíveis com o ego consciente e a persona” (Stein, 2005, p.100).

Tal concepção parece entender a adaptação social como uma função menor do desenvolvimento humano. No entanto,

a persona consiste numa estrutura arquetípica, cuja principal função é possibilitar a interação do indivíduo com os outros, atendendo, por um lado, a papéis socialmente estabelecidos, e, por outro, assumindo uma expressão pessoal ao fazê-lo. Ela é dinâmica e constantemente requer atualizações (Villares de Freitas, 2009, p.30).

A persona é uma estrutura sem a qual não haveria interação social, nem as mais formais, nem as mais íntimas. Para a individuação é importante que a persona e a sombra sejam amplamente consideradas e transformadas. Por aproximar ego, self e ambiente, a persona pode ser o foco terapêutico, tanto em processos de análise, quanto de orientação de carreira, e outros que acompanhem, promovam e deem suporte ao desenvolvimento humano.

Na transição da metanoia a perspectiva de mudanças de papéis e na relação entre os mesmos convocarão alguns dos potenciais outrora reprimidos pelo ego, que estão na sombra.

A alteração do relacionamento com a persona é um dos aspectos relevantes desse período (Hollis, 1995).

Dentro do espírito de sua época, Jung escreve: “Cada meio ambiente requer uma atitude especial. [...] Muitas pessoas da classe culta têm que se mover em dois meios completamente distintos: no lar e no ambiente profissional” (Jung, 1921/2012, §753). É razoável questionar se a fronteira entre os papéis profissional e pessoal permanece assim nítida ou se o desenvolvimento tecnológico, que trouxe o trabalho para dentro de casa e vice-versa, não estaria afetando os vários papéis assumidos pela persona.

Assim, esta dissertação entende o caráter da adaptação social como fundamental, não a considerando uma função menor do desenvolvimento humano. Uma vez articulada com a personalidade total, a persona vai se modificando ao longo da vida e das relações, conforme o desenvolvimento, que é singular.

Villares de Freitas (1995), embasada em alguns autores como Blomeyer (1974), Ramos (1979) e Byington (1988), esclarece “o quanto [a persona pode ser] expressiva e reveladora da individualidade, acompanhando sempre seu desenvolvimento” (Villares de Freitas, 1995, p.201). Esses autores apresentam a polaridade criativa da persona, contraponto complementar à proposta que pode ser considerada majoritariamente defensiva no conceito de Jung.

Byington (1988) indica que a persona estrutura e expressa o desenvolvimento simbólico. Blomeyer (1974) faz uma analogia entre a persona e a pele: um órgão em contato ao mesmo tempo com o interno e o externo, que operaria sua mediação, expressando a personalidade total. Essa analogia encerra em si a mesma ideia de Levinson (1996) com seu conceito de estrutura de vida. Blomeyer (1974) acrescenta que as crises criativas no amadurecimento são acompanhadas de crises na persona, que se transforma nesse processo, mostrando-se uma estrutura em constante desenvolvimento.

Já Ramos (1979) diz que as transformações começam pela persona para depois serem assimiladas pelo ego. Considero importante pesar se a dinâmica das transformações é sempre a mesma. Talvez dependa, entre outros fatores, da tipologia do indivíduo, podendo ser a persona, em alguns casos, a última estrutura a integrar e expressar as mudanças na personalidade. Personalidades não passíveis de transformação indicam identificação da persona com uma dimensão impessoal da psique.

Não se pode afirmar a priori se há uma polaridade da persona mais atuante em determinado momento para alguém. Essa estrutura pode ser criativa e/ou defensiva, às vezes um, às vezes outro. A articulação persona, ego, sombra pode, portanto, ser saudável ou patológica.

As pessoas que inspiraram esta pesquisa tiveram sua primeira experiência profissional na adolescência. Pouco a pouco foram desenvolvendo sua persona profissional. Conquistaram respeito, fizeram o nome, venceram algumas batalhas. Próximos aos 40 anos, um pouco antes ou um pouco depois, pareciam já ter proficiência no papel profissional, mas novos problemas surgiram, pedindo transformações.

Geralmente a escolha da carreira na adolescência é balizada pela função superior. Esta, partir da transição da metanoia, pode deixar de alimentar a alma, exigindo o desenvolvimento de outras funções e de outros potenciais (Stein, 2005). Nesse período “as partes menos desenvolvidas da psique exigem atenção” (Hollis, 1995, p.105).

A consciência, que até a juventude precisou se diferenciar do inconsciente, na transição da metanoia vislumbra sua jornada de retorno ao mesmo. Os conteúdos inconscientes, “produtos cuja natureza é de início completamente desconhecida”, inundam a consciência num primeiro momento de modo incompreensível (Jung, 1939/2011, §494). Na metanoia esses conteúdos, antes deixados para trás, têm o potencial de ser revisitados e de se articular à consciência. O inconsciente contém a vida não vivida de cada um, seu potencial não realizado. O símbolo aponta para o futuro.

A transição da metanoia é propícia à revelação de que as tarefas solicitadas até o final da juventude impulsionaram o desenvolvimento, mas também foram limitadoras e restritivas. Hollis, refletindo sobre a crescente especialização que o mundo do trabalho vem demandando, observa que “quanto mais treinados somos e quanto maior o êxito desse treinamento, mais limitada será nossa visão e nossa personalidade”. A totalidade terá sido negligenciada (Hollis, 1995, pp.105-107).

Se o ego aparentemente esteve no comando até o início da vida adulta, o reconhecimento de suas limitações será necessário a partir da transição da metanoia a fim de que o desenvolvimento possa prosseguir.

O entardecer da vida humana é tão cheio de significação quanto o período da manhã. [No entanto] contamos com pouca ou nenhuma ajuda. [...] Não é de admirar que muitas neuroses graves se manifestem no início do outono da

vida. É uma espécie de segunda puberdade [...]. Mas as antigas receitas não servem mais para resolver os problemas que se colocam nessa idade.[...] O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si (Jung, 1917/1983, §114).

Na adolescência o ego já se encontra mais estabelecido como centro do campo da consciência, tornando possível maior diferenciação psíquica em relação aos pais. A consciência tem maior autonomia do que na infância. Com isso se inicia um estado de divisão interior. Se tudo correr bem, toma-se consciência de um segundo eu, diferente do primeiro, que pode, sob determinadas circunstâncias, assumir o comando: o inconsciente (Jung, 1930/1971).

No início da idade adulta espera-se que o jovem tenha finalizado a tarefa de se tornar independente da família de origem, devendo estar presentes as capacidades de gerar um núcleo familiar próprio e/ou desempenhar o papel social adulto correspondente às exigências da sociedade em que vive. Toda cultura exige do jovem desenvolvimento e adaptação. Pandini (2014) questiona se esses parâmetros de realizações de carreira e vida afetiva continuam válidos na atualidade, dado que nem todo mundo casa, os casamentos não necessariamente duram para sempre, não se pode mais falar em um caminho profissional previsível e há grande instabilidade no mundo do trabalho.

Penna (2009) defende que os indicadores tradicionais ainda são válidos, dada a evidência empírica de que as pessoas buscam atendimento psicológico por conflitos e anseios relacionados justamente a questões profissionais e relacionais/afetivas. No entanto, a autora reconhece que não se pode deixar de considerar a plasticidade desses indicadores atualmente.

Em meio a tantas possibilidades, como saber se uma pessoa atingiu o que Jung denomina objetivo natural da vida? Além disso, sabemos quais são as adaptações que a sociedade contemporânea exige? Será que um indicador objetivo, como continuar a morar com os pais, garante que alguém não tenha cumprido com tais desafios da juventude? A mesma pergunta vale para a situação contrária. Será que nossa atenção não poderia estar concentrada na dimensão psíquica dessa tarefa, ou seja, diferenciar-se dos pais?

Hollis (1995) indica que sim: o que importa é se separar psicologicamente dos pais. Separação tão importante porque simboliza a diferenciação do ego em relação ao self, etapa essencial do desenvolvimento da consciência, visto que “o self, enquanto relacionado com o desenvolvimento do ego, encontra-se estreitamente ligado aos arquétipos parentais” (Neumann, 1980, p.10). A diferenciação entre ego e self poderia ser o critério central a ser verificado para

saber se alguém cumpriu com a tarefa esperada do desenvolvimento até o final da juventude. Daí em diante o sentido da vida começa a se alterar.

Na metanoia o homem se defronta com a tarefa nem sempre fácil de se rever, podendo defender pontos de vista antes refutados, repensar escolhas antes tidas como certas, descobrir novas possibilidades de ser. Trata-se do trabalho com a sombra, onde se encontram os potenciais que ainda podem se desenvolver. Não necessariamente ocorre uma inversão de valores. “Não se trata de uma conversão ao seu contrário, mas de uma conservação dos antigos valores, acrescidos de um reconhecimento do seu contrário. Isto [por si só] significa conflito e ruptura consigo mesmo” (Jung, 1916/1983, §116). O importante é que há uma transformação significativa iniciando na transição da metanoia. Essa transformação, dinamicamente, advém da mudança de direção da energia psíquica, que busca reunificar ego e inconsciente, mantendo a diferenciação alcançada entre eles. Trata-se de um momento profundo, com reconhecimento mais claro das limitações do ego e percepção mais nítida dos poderes do inconsciente.

Maior consciência em relação à própria mortalidade e o decorrente desejo de usar o tempo remanescente mais sabiamente, podem suscitar uma reavaliação da vida, que faz o passado ser a ênfase do início da transição da metanoia. Refletir sobre o passado pode levar à necessidade de reconhecer que as concepções e crenças que se teve por tanto tempo sobre si mesmo e sobre o mundo não são verdadeiras. Isso pode ser acompanhado tanto de amargura, luto, desapontamento e emoções similares às que sucedem uma perda irreparável, quanto de alegria, alívio, encanto e liberdade (Levinson et al., 1979). É a psique juvenil enquanto única referência de vida que se está realmente perdendo. Depois, alguns aspectos da juventude poderão ser recuperados e articulados com a personalidade atualizada da metanoia, mas essa possibilidade não é clara no início do processo. Primeiro é preciso elaborar a perda de partes de si para depois, quem sabe, as conseguir resgatar transformadas.

Na transição da metanoia a unilateralidade heróica do ego precisa - e já pode - ser superada. Se houver uma sólida consciência do ego, uma outra versão de herói pode se constelar. Esse outro herói precisará encarar uma consciência já bem estabelecida, que o olha como se fosse um bobo (Jacoby, 1971). O herói aparentemente bobo tem a função de abalar as certezas e convicções que já se formaram, alterando-as, em busca de um novo equilíbrio psíquico, que não dependerá mais unicamente da consciência do ego.

Para Stein (1983, p.4-6) esse herói é Hermes, que desperta a alma e clama por uma vida com liberdade, profundidade e significado. Hermes, o irmão mais novo, e Apolo, o mais velho,

trocam presentes, simbolizando a transformação da psique no meio da vida, a diminuição do significado da vida anterior e a descoberta de um novo dom. No caso de Apolo, a música, que passa a ser seu atributo divino singular. O dom descoberto na transição da metanoia, se acolhido, tem o potencial de virar o aspecto central da singularidade, a marca de uma vida. Contudo, se repellido, pode minar os esforços de uma pessoa, passando a assombrar seus dias. Hermes é o mensageiro que traz para a consciência conteúdos inconscientes.

A metanoia pode, assim, ser uma estação de amadurecimento, na medida em que for possível reconhecer e sustentar o novo movimento psíquico de retorno ao inconsciente. Ao emergir na consciência a metanoia chacoalha o sujeito, perturba, desestabiliza, provoca intensas emoções, tornando-o bastante suscetível às psicopatologias (Pandini, 2014). Jung (1930/1971) alerta que os homens costumam ser acometidos por depressões perto dos quarenta anos. Quadros de ansiedade também podem ocorrer. Há ainda casos de enrijecimento de valores, convicções e princípios, sem classificação nosográfica, mas que indicam e acarretam sofrimentos psicológicos. Às vezes, eclodem defesas, que elaboradas, favorecem o desenvolvimento.

Jung diz que "o ser humano não chegaria aos setenta ou oitenta anos, se essa longevidade não tivesse um significado para a sua espécie" (Jung, 1930/1971, §787), estabelecendo o início da metanoia entre os trinta e cinco e os quarenta anos. Já outros autores como Hollis (1995) lembram que a transição da metanoia – que ele chama de passagem do meio - é uma experiência mais psicológica do que cronológica, um choque entre a personalidade anteriormente adquirida e as exigências do si-mesmo (Hollis, 1995). Jung (1925/1981) também aborda o caráter psicológico da metanoia: o potencial de expandir o contato da pessoa consigo mesma a ponto de ampliar seu conhecimento sobre suas peculiaridades.

Esta dissertação prioriza o caráter psicológico dessa transição sem descartar completamente o fator cronológico, que entende ser desde um possível disparador da busca por mudanças – que, no fundo, almejam a ampliação da consciência - como um critério objetivo que talvez possa ser de grande ajuda para nortear as pessoas nesses tempos líquidos²¹.

²¹ Expressão que traduz como características principais da modernidade a efemeridade, o distanciamento e a superficialidade (Bardagi, Santos e Luna, 2014).

Hollis (1995, p.23) para transmitir a intensidade da crise da metanoia usa imagens como “placas tectônicas e intimações sísmicas”, corroborando Stein (1983) para quem a psique entra em erupção. Porém, não é possível predizer como cada um irá vivenciar a transição da metanoia, mas são consensos, entre os autores consultados, o início de uma grande transformação na identidade e a clareza sobre a própria morte.

Sobre o primeiro consenso, Pandini menciona a “dificuldade que o adulto tem de abrir mão de uma identidade que funcionava até então, mas que apresenta sinais de desgaste” (Pandini, 2014, p.28). Nem sempre o que prescreveu juridicamente, prescreveu psiquicamente, refletia eu sobre um advogado, que procurava obsessivamente indícios de erros profissionais passados, que já não surtiriam efeitos jurídicos no presente. A busca incessante por aqueles erros talvez possa ser compreendida como uma compensação ao reconhecimento de suas realizações. Esse reconhecimento, que vinha sendo conquistado no processo de orientação de carreira, ameaçava o equilíbrio psíquico prévio de alguém com uma auto-imagem depreciativa. Jung (1908/1984) escreve que a pessoa na metanoia pode tender a regredir, a recuar ao que era antes desse período crítico.

Em meio a isso, arranjos profissionais anteriormente satisfatórios podem começar a falhar ou incomodar, gerando crises não apenas relacionadas aos papéis desempenhados, mas também ao modo como isso vinha sendo feito. Pessoas na transição da metanoia não necessariamente mudam de ocupação ou profissão. Podem apenas alterar, de forma significativa, o modo de desempenhar seu papel profissional, o que já requer grande transformação psíquica.

Quando se fala em papel, voltamos a falar de persona. E, enquanto o fluxo de energia antes se concentrava em grande parte na estruturação da persona, na transição da metanoia mudará de direção, voltando-se para o self. Com isso, o peso do mundo externo diminuirá e a libido se voltará mais para dentro, para o centro, para a totalidade.

“A situação humana é paradoxal. Apesar da totalidade inconsciente gerar e necessitar da consciência do ego, ela por vezes o tenta engolir, destruir, porque o ego perturba a paz original” (Jacoby, 1971, p.1-9). Durante a transição da metanoia o risco de o ego ser assimilado e destruído pelo self coexiste com a chance de ser por ele iluminado (Pandini, 2014), possibilidades que existiam também na adolescência e agora ressurgem pela reaproximação entre ego e self. O retorno ao self pode ser vivenciado num primeiro momento como uma ameaça brutal de dissolução e perda do que foi construído até então. Levinson et al. (1979) escrevem que na transição da metanoia teme-se que a pessoa singular que se é deixe de existir. Contudo, Pandini

(2014) lembra que o ego tem um desejo irresistível de atender ao chamado do self e adentra mais essa transformação.

Muitas pessoas passam a desvalorizar o que antes valorizavam, incluindo conquistas profissionais obtidas anteriormente a muito custo. Levinson et al. (1979) afirmam que na transição da metanoia o homem sempre estará frustrado, não importando o que tenha alcançado.

Propus certa vez a um paciente desenhar uma linha cronológica e marcar na mesma os fatos relevantes de sua vida profissional. Surpreendentemente, a linha se estendia apenas até onze anos antes daquele em que nos encontrávamos. Justamente nesses onze anos ele tinha aberto, estruturado e desenvolvido seu próprio negócio. Expressava com essa omissão a irrelevância que naquele momento atribuía a uma das decisões mais marcantes de sua carreira. Para Pandini isso se deve “à necessidade de novas conquistas e rearranjos de cada aspecto da vida. É uma fase de tristezas, lutos e incertezas, mas também de ativação do potencial de mudança” (Pandini, 2014, p.30-31).

Nesse sentido, Jung escreve: “O meio da vida é um tempo de desenvolvimento máximo, quando a pessoa ainda está trabalhando e operando com toda a sua força e todo o seu querer. [...] Procura encontrar suas motivações verdadeiras e surgem descobertas” (Jung, 1925/1981, §331A).

Na transição da metanoia, a partir do momento que a reformulação da persona se torna uma das prioridades, é praticamente certo que aspectos até então contidos na sombra passarão a reivindicar espaço na consciência. “As invasões da sombra são ao mesmo tempo necessárias e perturbadoras” (Hollis, 1995, p.108). Essas ocasiões revelam para a consciência o que outrora foi impedido de se expressar, um rico potencial, que, “reconhecido [...], fornece energia, antes represada, e nova orientação” (Hollis, 1995, p.109).

Como a constelação de Hermes conecta diretamente o desejo com a ação, as invasões da sombra podem ser confundidas com atuações de complexos inconscientes. No entanto são atos chegando ao campo da consciência, resultantes da proximidade entre ego e inconsciente na passagem para a metanoia. O que vem à tona assim fortemente são aspectos da personalidade aos quais a vida ainda se liga, mas que por alguma razão foram colocados de lado no passado. “[...] aspectos da vida que poderiam ser [...] vividos, mas jazem no depósito de velharias, em meio a lembranças recobertas de pó; no entanto são brasas que continuam acesas por baixo de cinzas amareladas” (Jung, 1930/1971, §772). Stein (1983, p.78-79) diz que esses aspectos, que ficaram por se desenvolver anteriormente, exercem a função compensatória da qual a

consciência precisa para sua completude, sendo, portanto, sementes para o futuro. Essa é a essência da diferença entre esses atos e a constelação de complexos inconscientes: eles apontam na direção do desenvolvimento. Tudo depende de se adotar uma atitude simbólica, transformando o sintoma em símbolo.

Mas é importante observar que a constelação de Hermes não pretende virar a personalidade ao contrário, não constitui um movimento enantiodrômico. Seu intuito é possibilitar a relação entre a consciência e aqueles aspectos, entre o já estabelecido e o novo, fazendo com que a libido possa se movimentar entre as duas estruturas arquetípicas, o Jovem e o Velho, a consciência e o inconsciente. Se se tratasse de movimento enantiodrômico, não haveria desenvolvimento, a consciência permaneceria unilateral, realizando meramente a migração de um polo a outro. Hermes é um mediador, um meio que possibilita o diálogo, não um polo em si.

Porém, não havendo possibilidade desse diálogo, a sombra se manifestará na forma de projeções, depressões ou doenças somáticas. A dissolução, mesmo que parcial, dessas projeções costuma se expressar por sensação de traição, fracasso das expectativas, vazio e perda de significado (Hollis, 1995).

Stein observa que a crise da transição da metanoia costuma trazer à tona nossa oculta loucura, e esclarece que os sintomas são expressão dos arquétipos desprezados durante o prévio desenvolvimento, quando, em busca de estabelecer um padrão dominante de funcionamento, foi preciso suprimir a expressão de algumas partes da consciência. Consequentemente, acolher e articular na consciência os conteúdos sombrios que se manifestam aprimorará o autoconhecimento, o relacionamento interpessoal e a saúde como um todo, mental e somática (Stein, 1983).

O trabalho com a sombra abre finalmente a oportunidade de alargar o diálogo ego-self, possibilitando a cada pessoa se tornar um verdadeiro indivíduo. Levinson et al. (1979) consideram que esse trabalho consiste em superar parcialmente as divisões e integrar as polaridades²², que antes foram separadas. Os problemas remanescentes da infância e da adolescência precisam ser elaborados, sendo preciso dar conta do passado e se preparar para o

²² Levinson et al. (1979) definem polaridades como um par de tendências usualmente experimentadas pela consciência como opostas, como se fosse necessário optar entre uma ou outra, sem poder transitar entre elas.

futuro se se almeja uma estrutura mais apropriada para a nova vida que se inicia. Trata-se da questão central da transição da metanoia e da maior oportunidade para a individuação, podendo alterar substancialmente o significado da vida.

Gradualmente a ênfase no passado se move para o futuro: é preciso planejar a próxima fase, fazer escolhas que permitirão modificar a atual estrutura de vida e providenciar os elementos essenciais para tanto.

Em todos os períodos de transição que se apresentam durante a vida o processo de individuação prepara o terreno entre passado e futuro, ligando o que termina e o que se inicia. O avanço na individuação proporciona cada vez maior discriminação entre o eu e o mundo, e, ao mesmo tempo, maior sentimento de pertencer ao mesmo.

A princípio, a transição da metanoia se daria por finda com o compromisso com novas escolhas e um novo padrão de existência (Levinson et al., 1979).

Segundo Levinson (1979), as quatro principais polaridades que pedem integração na passagem para a metanoia são jovem/velho, destruição/criação, masculino/feminino, apego/desapego²³. Os próximos itens discorrem sobre as transformações que estão ocorrendo na dinâmica dessas polaridades conforme a individuação avança nesse período da vida.

7.2.1 – *Jovem e velho: a principal polaridade*

Na teoria junguiana o Puer corresponde ao arquétipo da juventude, enquanto o Senex ao arquétipo do velho. O Puer se manifesta sempre que um ciclo se inicia, tenha a pessoa a idade que tiver. O mesmo vale para o Senex, que se faz presente nos finais. Dessa forma, a experiência da juventude pode permanecer durante a velhice e a experiência do Senex pode já estar presente desde a infância²⁴. Por isso, Levinson et al. (1979) usam os termos Jovem e Velho no sentido simbólico: durante toda a vida somos tanto um, quanto outro. Eles podem se alternar ou mesmo se expressar concomitante na consciência.

²³ A polaridade apego/desapego é chamada por Ruiz (2015) de união/separação. Minha escolha se deve à minha percepção de que o termo desapego transmite mais apropriadamente do que o termo separação o sentido de desprendimento.

²⁴ Nesta dissertação usa-se com o mesmo significado Senex e Velho, assim como Puer e Jovem.

Ao longo da vida, os vários encerramentos suscitam sensações de Senex, por exemplo, não conseguir escapar da rotina, estar apodrecendo ou à beira da morte, enquanto os inícios estimulam sentimentos e pensamentos como renascer, descobrir novas possibilidades e adquirir outros pontos de vista, próprios do Puer.

Assim, nas transições que a vida apresenta, as figuras internas Puer e Senex vão se modificando e chegando a novos equilíbrios entre si, novas articulações entre as polaridades, mais apropriadas a cada uma das eras e dos períodos específicos da vida.

Mas não é simples alcançar tal equilíbrio entre esses polos. Na transição da metanoia o polo Jovem pode parecer totalmente extirpado, levando a pessoa a se sentir com pouco a oferecer aos outros, assim como pouca disposição para deles receber. Por outro lado, a ampliação da consciência acerca do envelhecimento provoca o confronto da psique com a própria finitude, podendo causar ansiedade e se expressar como urgência por aproveitar a vida mais do que antes. Os autores (Levinson et al., 1979) explicam que tal ânsia tem, entre outros, o objetivo de manter a concepção que se tinha na juventude sobre cada um desses dois polos, evitando o desconforto típico das transformações psíquicas.

Entre os disparadores de ansiedade estão o possível declínio físico e mental, experienciado por vezes como catastrófico, prenúncio de que em breve tudo o que fazia a vida valer a pena terá sido perdido. Audição e visão estão menos apuradas, a memória falha, aprender é mais árduo. Psicologicamente, a iminência de perder por completo a juventude deixa como única opção tornar-se totalmente velho. A intensificação da polaridade Velho se expressa, por exemplo, como a desconfiança de que é tarde para recomeçar, de que se está obsoleto, de que não há nada mais a fazer por si, pela família, pela comunidade, pela humanidade.

Profissionalmente a transição da metanoia com frequência coincide com a transição para senioridade. Assim, parte da transformação psíquica passará por alguma mudança nas visões sobre sucesso e fracasso. Para que o processo de desenvolvimento continue é necessário elaborar a possível percepção inflada das realizações passadas e das possibilidades futuras, gradativamente conferindo às mesmas a devida proporção. Talvez, em pouco tempo, uma pessoa deixe de dar tanta importância a escrever um novo livro, ser promovido novamente ou receber mais um prêmio. Possivelmente, pouco do que fez tanta diferença no passado permanecerá relevante. Esse processo de deflação do ego obviamente não será indolor, fazendo-se necessário tratar as feridas provenientes.

A partir da transição da metanoia, a conscientização de tudo aquilo que aparentemente poderíamos ter sido, mas não fomos se torna crescente. O convite que se recusou outrora parece, agora, uma oportunidade de ouro jogada fora, que provavelmente não soou tão boa quando surgiu, mas, sob olhar retrospectivo, é vista como o grande erro que prejudicou a carreira, qualquer que seja essa. Tal avaliação que se costuma fazer sobre a trajetória profissional leva algumas pessoas a considerarem sua existência desperdiçada. Em decorrência, nos anos remanescentes, querem realizar mais e ser mais, essencialmente empenhar-se em algo que sobreviverá à própria morte. Começa-se a pensar no legado que, para alguns, é o resultado compilado do trabalho durante toda a vida, a obra. Para outros, os filhos ou o patrimônio.

Daqui pra frente, os alcances da carreira não serão mais vividos como monumentais, nem terão capacidade de proporcionar a felicidade outrora imaginada. Mesmo quem trabalhou duro perceberá que não atingiu o que almejou, decepção tão própria da transição da metanoia, quanto essencial para que o desenvolvimento prossiga e se tenha consciência de que os feitos profissionais até o presente apenas prepararam o terreno para as grandes realizações que ainda virão.

A partir desse *insight* pode-se decidir trocar de emprego ou ocupação. Alternativamente, o interesse no trabalho pode diminuir, levando a desempenho meramente suficiente para a manutenção do emprego. Aliás, Levinson et al (1979) comentam que a redução do interesse no trabalho nessa estação da vida é um fenômeno verificado tanto entre funcionários de baixo e médio escalão, quanto entre altos executivos, que embora formalmente permaneçam em suas ocupações, passam a se empenhar mais em atividades filantrópicas, sociais, familiares ou outras que possam auxiliar na formação de um legado.

O legado é uma necessidade humana que urge na metanoia, adquirindo seu maior peso e sua maior relevância para o processo de desenvolvimento. Mas os autores (Levinson et al., 1979) ponderam que o desenvolvimento adulto não é suficientemente estudado como deveria. O avanço de sua compreensão pode tornar o legado cada vez mais importante a partir da transição da metanoia, contribuindo tanto para a realização pessoal, quanto para a qualidade de vida das gerações subsequentes.

O que importa do ponto de vista do desenvolvimento humano é que a busca de um significado para a própria vida passa pela necessidade de transformação do self da juventude no self da transição da metanoia, ainda conectado às fontes de energia, imaginação e ousadia,

mas mais sábio e maduro. Devagar o jovem herói onipotente pode retroceder, dando lugar a alguém mais consciente de suas limitações e do verdadeiro alcance de seus poderes.

7.2.2 – Criação e destruição

Criação/Destruição é outro dos quatro pares de polos que pedem transformação na transição da metanoia. O crescente reconhecimento da própria mortalidade nos torna mais conscientes da destruição como um processo universal e, de modo compensatório, ocorre um incremento no desejo de ser mais criativo.

Os autores (Levinson et al., 1979) observam que é raro chegar ao meio da vida sem alguma experiência destrutiva, que pode emergir como uma paralisação causada pela raiva das pessoas que nos machucaram e prejudicaram e como culpa por ter machucado e prejudicado alguém ou impingido a si mesmo dor e destruição.

Como viver com raiva, culpa e remorso?

O processo de desenvolvimento pede agora um entendimento profundo do lugar da destrutividade na própria vida e na humanidade como um todo, que compreende a elaboração de sentimentos e experiências dolorosas e a visão de si tanto como algoz, quanto como vítima. É necessário reconhecer e assumir responsabilidade pela própria capacidade de destruir, pois, mesmo desprovidas de intenções hostis, as ações podem ter consequências danosas (Levinson et al., 1979).

Porém, não é fácil admitir que se deseja mal aos outros, inclusive a pessoas que se ama. Durante esse processo de reconhecimento e integração da própria destrutividade corre-se alguns riscos, como ser assolado por queixas e culpas e, compensatoriamente, tentar preservar a ilusão sobre a inexistência da destrutividade humana.

A fixação num ou noutro extremo impossibilitará a continuação do desenvolvimento e, com isso, a reafirmação da vida (Levinson et al., 1979). Há grande diversidade na relação com a própria destrutividade. Enquanto uns não têm consciência alguma do mal que causaram ou que desejaram causar, outros se sentem tão culpados que são incapazes de considerar os problemas da destrutividade desapaixonadamente. Mas também há os que compreendem a ambivalência de sentir ódio e amor pela mesma pessoa.

Qualquer que seja o caso, o processo de desenvolvimento solicita, nesse momento, mais autoconhecimento e maior responsabilidade. Um novo aprendizado sobre a herança colérica que se carrega desde a infância contra os outros e contra si mesmo e que, durante a vida adulta,

vem sendo alimentada e multiplicada por outras fontes. Essas forças destrutivas interiores precisam ser redirecionadas de acordo com o contexto atual da vida para serem passíveis de reintegração na metanoia.

Tal aprendizado frequentemente é acompanhado de intenso sofrimento, confusão, raiva e luto por oportunidades e partes de si que foram deixadas de lado. A elaboração da polaridade Criação/Destruição pode ajudar a conscientização de que nossos erros não foram impostos exclusivamente de fora, mas são também resultado de nossas próprias falhas (Levinson et al., 1979).

A tragédia da vida é que as virtudes e os vícios têm as mesmas origens. O herói trágico é derrotado em parte porque as dificuldades externas são terríveis, mas, acima de tudo, por falhas internas, aspectos de sua personalidade inseparáveis de sua batalha. Na verdade, a luta do herói é com ele mesmo: será considerado vitorioso após ter confrontado suas falhas e as aceito como parte dele e da humanidade. Ao fim e ao cabo a transformação pessoal do herói supera o sofrimento e a derrota (Levinson et al., 1989).

Para que a transformação ocorra, o homem precisa ser conduzido pela Anima²⁵ ao inconsciente, fonte das forças criadoras. Na busca de um novo equilíbrio entre destruição e criação, eventualmente se tornará mais criativo, característica essencialmente feminina e que nos leva ao próximo item, a polaridade feminino/masculino.

7.2.3 – Masculino e Feminino

Primeiro é preciso observar que os termos masculino e feminino não se restringem ao biológico, contemplando também as diferenças sociais e psicológicas que nos são passadas durante todo o curso da vida. Imagens do masculino e do feminino costumam estar presentes em todas as instituições de todas as sociedades, mas seu conteúdo específico varia (Levinson et al., 1979).

Levinson et al. (1979) afirmam que no início da vida adulta o homem tenderá a se identificar com valores, temáticas e imagens do masculino e a negligenciar ou reprimir o que se refere ao feminino. Uma maior aceitação do feminino pelo homem é um acontecimento típico da metanoia (Levinson et al., 1979).

²⁵ Anima é o aspecto feminino inconsciente da personalidade de um homem (Frattaroli, 2002).

A dificuldade de integrar masculino e feminino no início da vida adulta advém tanto de imaturidade pessoal, quanto de tradições culturais. É preciso se virar com os recursos que já se tem para estruturar uma vida que reflita e suporte os conflitos interiores: começa-se a ocupar os espaços adultos do mundo, especialmente em relação à carreira e às relações interpessoais. A psique prioriza essa busca, fazendo com que grande parte das pessoas chegue perto dos quarenta anos com o mesmo grau de integração dos polos feminino e masculino que tinha aos vinte (Levinson et al., 1979).

Em relação aos homens, dentre as características que ainda são geralmente associadas à masculinidade estão a força física, a ambição, as conquistas, e poder e raciocínio em detrimento de sentimentos e emoções. Mas, apesar do senso comum de que homens são mais lógicos e racionais e mulheres mais emocionais e intuitivas, é preciso lembrar que tais características se ligam a funções da consciência cujo grau de desenvolvimento depende também da tipologia.

Levinson et al. (1979) observam que as associações entre raciocínio e masculino e sentimentos e feminino estão relacionadas a um padrão de organização do trabalho em que o homem desempenha ocupações especializadas, enquanto a mulher atende às necessidades emocionais dos filhos e do marido. Embora lentamente a organização do trabalho esteja mudando, as profissões de cuidado ainda são consideradas tipicamente femininas, contando com maior número de mulheres do que homens nas formações. Exemplos disso são os cursos de psicologia, enfermagem, fisioterapia e fonoaudiologia.

A polarização raciocínio/emoção levada a extremos requer que o homem seja uma máquina pensante, a quem se permite somente um restrito rol de sentimentos. Essa perspectiva considera luto, dependência, intimidade, sensualidade e vulnerabilidade típicos das crianças e mulheres. No estudo de Levinson et al. (1979) os biólogos eram os que mais haviam sacrificado os sentimentos em nome do raciocínio e, embora não competissem política ou financeiramente, competiam intelectualmente com os outros homens.

Se a oposição entre força e vulnerabilidade atingir extremos, o homem tenderá a negar qualquer sinal de fraqueza, dificultando a transição da metanoia no que tange aos declínios físico e social. No entanto, é justamente o polo feminino do homem que propiciará a transformação necessária. Para que o feminino se torne mais livre e ocupe mais espaço na psique, será preciso mudar a forma de se relacionar com as figuras arquetípicas que representam masculinidade e feminilidade. Nesse novo equilíbrio, o masculino perderá algum espaço, mas ganhará melhor expressão, porque gastará menos energia na repressão de seu oposto. Um dos

aspectos envolvidos nessa transformação é a relação com a mãe e o pai, reais ou internalizados. O feminino sedutor e devorador assustará menos, assim como a tirania paterna será menos limitante.

A melhor articulação entre esses dois polos também possibilitará maior flexibilidade para a antes rígida separação entre vida pessoal e profissional. Assim, será mais fácil lançar mão de habilidades antes consideradas exclusivas de uma esfera, em outra. Por exemplo, exercer autoridade de modo mais colaborativo e justo e ao mesmo tempo ser mais crítico nas relações pessoais.

Com isso, a vida disporá de um conjunto mais amplo e rico de possibilidades, facilitando, entre outras coisas, a atuação como mentor, uma aspiração plausível das pessoas na transição da metanoia, quando percebem que não são eternas e, por isso, querem formar um legado.

Segundo Kishore (2013, p.8) “o mentor estimula o outro e é também estimulado na busca do desenvolvimento total da personalidade, da autorrealização e do tornar-se si mesmo”. Transmitir seus conhecimentos e sua experiência aos mais jovens, seja no ambiente de trabalho, seja em uma instituição de ensino, é um dos possíveis legados (Levinson et al., 1979).

Além de dar continuidade ao que aprendeu para que a existência perdure além da morte, o legado é sinal de envolvimento com a comunidade a qual se pertence, pois está relacionado à contribuição para o aprimoramento da mesma. O próximo item tratará justamente da polaridade apego/desapego, ou, dito de outro modo, ligação/distanciamento.

7.2.4 - Apego e Desapego

Levinson et al. (1979) usam o termo apego em sentido amplo, englobando tudo o que conecta a pessoa a seu meio. Apego, nesta concepção, significa engajamento, envolvimento, necessidade, ligação, busca e enraizamento. Mas apego não necessariamente se expressa por bons sentimentos. A preocupação e o cuidado com o mundo externo são modos de apego, assim como o ódio também o é. Estar apegado ao mundo se traduz por tentar se adaptar, participar, enfrentar ou mesmo dominá-lo. Por sua vez, o desinteresse em relação ao mundo externo é manifestação de desapego: no lugar da busca por adaptação, o que existe é construção e exploração de um mundo imaginário.

É fácil perceber que tanto a exclusividade de uma atitude, quanto da outra, colocam em risco a saúde mental. No caso do apego estaríamos falando da anulação do indivíduo em prol

do coletivo. No outro extremo teríamos uma pessoa totalmente ensimesmada, isolada em seu próprio mundo interno, talvez acometida por uma patologia como a esquizofrenia (Levinson et al., 1979).

Qual dessas situações é menos grave? Impossível apontar. A polaridade apego/desapego, como as outras explanadas nos itens anteriores, apresenta-se em diferentes composições no curso da vida, alterando-se o peso de cada polo conforme o desenvolvimento. O desapego excessivo compromete o contato com o mundo e a própria sobrevivência. Já o apego exagerado coloca em risco a renovação, o crescimento e a criatividade (Levinson et al., 1979).

No início da vida adulta é preciso adquirir uma profissão ou uma ocupação e arcar com responsabilidades objetivas cada vez maiores: a balança pende para o lado do apego. Nesse período o homem tem intensos desejos: vencer, ser correto, alcançar o grande sonho, ser tomado em alta conta por quem importa. Alguns desses desejos desaparecem com o progresso do desenvolvimento a partir da transição da metanoia. Os que se mantêm deixam de ser urgentes, podendo ser alcançados num prazo mais longo, com maior completude (Levinson et al., 1979).

Já a transição da metanoia solicita maior equilíbrio entre esses dois polos. Os próprios movimentos de de-ilusão – termo usado pelos autores (Levinson et al., 1979) no lugar de desilusão por se tratar de algo mais criativo do que defensivo - e reavaliação da vida exigirão maior desapego. Reflexão e autoavaliação pedem maior contato consigo mesmo do que previamente. O envolvimento anterior com o mundo externo agora precisará se direcionar para dentro.

O self fica mais ativo, mais vivo, mais exuberante, um outro com quem realmente se deseja conversar. Essa conversa pode revelar que a vida construída antes não é a melhor do ponto de vista do self, sendo necessário distanciar-se das pressões do ego e do mundo externo para que seja possível ouvir as vozes interiores. Conforme vai se tornando mais desenvolvido e orientado pelo self, ocorre o que Levinson et al. (1979) denominam de-tribalização: fica-se mais crítico a respeito de alguns grupos, instituições e tradições, menos dependente de seu reconhecimento e com menor propensão a idealizações.

Esses processos normalmente não resultam em desapego expressivo do mundo externo, mas em melhor articulação entre os dois polos. Na transição da metanoia um dos grandes desafios do desenvolvimento é alcançar maior equilíbrio entre as demandas do self e da sociedade. Se tudo correr bem, o homem se tornará ao mesmo tempo mais apegado e mais distanciado (Levinson et al., 1979).

7.3 – Especificidades ainda existentes para a mulher na transição da metanoia

Conforme a leitura de Levinson et al. (1979) avançava, notei que as polaridades que o ator propõe que se destacam durante o desenvolvimento masculino não pareciam discrepantes do que tenho observado atualmente em mulheres na transição da metanoia. Provavelmente isso se deve à entrada das mulheres nos últimos 40 anos em espaços antes restritos aos homens, começando a modificar a organização social que prevalecia há séculos, segundo a qual à mulher cabiam os espaços domésticos e ao homem os espaços públicos. Essa mudança ainda está em andamento.

Pode-se supor que novas configurações familiares, flexibilização de papéis, mulheres com carreiras e em cargos de comando, homens encarregados do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos, coexistem na psique coletiva e em cada um de nós com o casamento tradicional, o homem provedor e a mulher restrita ao ambiente doméstico. Diante disso, Levinson (1996) acrescenta duas polaridades que pedem especial transformação na transição da metanoia feminina: a dona de casa tradicional e a mulher não tradicional. O peso de cada uma dessas figuras internas varia, assim como o modo que cada mulher tem de lidar com o conflito entre tais polos. É de se supor que os homens também estejam precisando lidar com essas duas possibilidades em sua psique, tanto a dona de casa tradicional, quanto a mulher não tradicional.

O autor (Levinson, 1996) afirma que, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, muitas das mulheres que trabalhavam levaram adiante o que ele denomina o sonho da mulher bem-sucedida, que faria parte de um mito cultural contemporâneo, um dos únicos em que o herói é uma mulher. Nessa concepção, tal mito seria parte do processo histórico norte-americano, em que um número pequeno, mas significativo, de mulheres conseguiu assumir cargos mais altos no mundo corporativo, no mundo acadêmico e em outras instituições, que tradicionalmente eram território exclusivamente masculino.

Ao mesmo tempo houve uma transformação cultural que deu a impressão de que a história, naquele momento, estava a favor das mulheres que almejavam crescer na carreira. Se elas conseguissem perseverar e vencer essa batalha, legariam para as futuras gerações de mulheres a liberdade de seguir a carreira que escolhessem. A bem da verdade, o mito da mulher bem-sucedida apresentava uma heroína que prosperaria em tudo: carreira, relacionamento amoroso, família e lazer (Levinson, 1996).

Naquele cenário, as empresas começavam a admitir mulheres em posições gerenciais. A promessa – implícita ou explícita - era que se ela se esforçasse o suficiente, e superasse suas metas, viveria feliz para sempre. Assim, a autoestima das mulheres esteve inevitavelmente relacionada ao sucesso profissional, essencial, naquela época, para legitimá-la como pessoa. Falhar nessa missão seria interpretado, tanto por ela mesma quanto por terceiros, como resultado de pouca competência, personalidade inadequada ou inabilidade para competir de igual para igual com os homens.

Enquanto isso, a vida familiar se enchia de contradições. Por um lado, os maridos encorajavam suas esposas a terem uma carreira. Por outro, as responsabilidades com a casa e os filhos permaneciam sob os cuidados delas, que lidavam com esse desequilíbrio com diferentes níveis de aceitação, ressentimento e conflito interior. Internamente, o polo da mulher não tradicional insistia numa divisão mais equilibrada de tarefas, enquanto o polo da dona de casa tradicional sentia-se culpado por não fazer mais pelos filhos. A mulher vivia numa corda bamba, tentando equilibrar as demandas da carreira e da família, e ainda procurando estar disponível para a intimidade, as amizades, o lazer e para si mesma.

Aos trinta anos essas mulheres já coletavam evidências suficientes de que o mundo do trabalho não havia se modificado tanto assim e que ainda grassava a discriminação de gênero. Mas essas mulheres continuaram a acreditar que se trabalhassem duro o suficiente, em algum momento dariam conta de tudo, talvez quando os filhos crescessem e a carreira se consolidasse.

Perto dos quarenta anos começaram a questionar a carreira, em parte por já terem consciência da disparidade entre o mito da mulher bem-sucedida e a realidade, em parte por conta das mudanças próprias da transição da metanoia.

Das 45 mulheres que Levinson (1996) entrevistou, 30 trabalhavam. Dessas, 13 passavam pela transição da metanoia, sendo 7 no mundo acadêmico e 6 no mundo corporativo.

Das 13, apenas duas haviam conseguido conciliar trabalho em tempo integral, casamento e filhos. Mas uma delas, no momento da entrevista, estava se separando.

Duas haviam abandonado a carreira perto dos 30 anos para se dedicar aos filhos. Duas eram casadas e tinham uma carreira, mas não tinham filhos. Quatro haviam se divorciado e criado sozinhas os filhos: não havia sido possível manter o “pacote completo”. As outras três tinham uma carreira, mas não eram casadas, nem mães. Levinson (1996) admite que a amostra

é pequena para generalizações e sugere que estudos futuros se debrucem sobre esses padrões de carreira/relacionamento amoroso/maternidade.

Na transição da metanoia todas reconheciam que os esforços para combinar relacionamento amoroso, maternidade e trabalho em tempo integral não trouxeram tanta satisfação quanto esperavam. As 13 profissionais passaram por mudanças significativas na natureza e no sentido de sua carreira, de seus relacionamentos amorosos e de sua relação com a maternidade. Algumas tinham problemas no trabalho, de saúde ou com os filhos, outras estavam rompendo um relacionamento amoroso significativo. Um questionamento mais amplo e profundo levou a esses eventos ou deles decorreu, mostrando que essas mulheres na transição da metanoia não enfrentavam um problema delimitado pelo evento culminante, mas sim um que o extrapolava, que pode ser explicado como procurar entender o que estavam fazendo com sua vida e o que realmente desejavam naquele momento.

Algumas enfrentaram tal questionamento como crises severas, outras como crises moderadas²⁶. Seis das treze mulheres buscaram psicoterapia na transição da metanoia não para tratar de sintomas específicos, mas para discutir e explorar aspectos pessoais e tentar modificar a estrutura de vida.

Quase todas estavam reavaliando sua carreira de modo mais expressivo do que antes. As que trabalhavam no mundo corporativo tinham chegado perto do topo da hierarquia e sabiam que dificilmente avançariam. Algumas haviam sido promovidas para cargos previamente ocupados por homens, com o mesmo título e mesma remuneração, mas responsabilidades, autonomia e posição hierárquica reduzidas. Levinson (1996) frisa que são evidências de que as mulheres, ao crescer significativamente numa empresa, se deparam com um novo e menos permeável patamar. Gênero configura-se como um obstáculo ao topo da hierarquia.

No mundo acadêmico não foi diferente: elas tinham desvantagem na disputa por espaço, alunos, bolsas e recursos. Além disso, eram constrangidas por imagens negativas da mulher, como tiranas, mães descuidadas ou mulheres que usavam sexo para compensar a falta de competência. A intimidação vinha tanto de colegas homens, como de mulheres mais jovens,

²⁶ Severa é a crise em que a pessoa não tem recursos para enfrentar a reestruturação necessária. Moderadas são as crises que envolvem mudanças menores, que se acredita conseguir realizar (Levinson, 1996).

que as consideravam decepçionantes como mentoras, exemplos ou modelos. Mas quase nenhuma dessas mulheres teve orientação de carreira na transição da metanoia, quando mais precisavam.

Levinson (1996) afirma que o problema central nas organizações são a rara presença das mulheres no topo da hierarquia e as imagens negativas das profissionais, difundidas pela cultura e reproduzidas por homens e mulheres. Ele acrescenta que esse tipo de discriminação atravessa toda a vida organizacional: nas contratações, na formação das equipes, nos treinamentos, na supervisão, nas promoções e nas trajetórias de carreira que são formatadas.

Assim, as mulheres do estudo de Levinson (1996), que aos 30 anos vislumbravam um acesso ao topo, aos 40 perceberam que se tratava, na verdade, de uma barreira a seu crescimento²⁷ denominada *glass ceiling*. Quem não conseguiu transpô-la – 7 das 13 das mulheres do estudo – precisou procurar caminhos alternativos e menos desejados. As que conseguiram encontraram problemas mais complexos e benefícios menores do que imaginavam, além de terem descoberto que teriam que enfrentar mais obstáculos caso permanecessem almejando o topo.

²⁷ *Glass ceiling*: situação em que o progresso na carreira parece possível, mas restrições e discriminações criam barreiras ao avanço de mulheres e outras minorias na hierarquia, tanto em empresas, quanto no mundo acadêmico, quanto no governo (Morrison; White; Center for Creative Leadership, 1987 apud Levinson, 1996).

8- Metanoia e Orientação de Carreira – discussão e resultados

O objetivo desta dissertação é propor contribuições para a orientação de carreira de pessoas na transição da metanoia, através da aproximação de elementos da psicologia analítica e da psicologia das carreiras, quando abordam o desenvolvimento humano. Tanto uma, quanto outra, convergem ao considerar crítico esse período da vida.

A expressão transição da metanoia apresenta duas questões importantes: quando ocorre a metanoia? O advento desse período da vida se dá como transição ou crise?

Hollis (1995) defende a transição da metanoia como uma experiência mais psicológica do que cronológica. Outros autores, incluindo achados bibliográficos contemporâneos, determinam a faixa etária em que a transição ocorre, com seu começo não antes dos 35 anos e seu fim não após os 55. Assim, esta dissertação optou por levar em conta tanto o caráter psicológico quanto o cronológico, como dois polos do mesmo fenômeno.

O caráter psicológico compreende a mudança na direção da energia psíquica, o choque entre a personalidade anteriormente adquirida e as exigências do si-mesmo (Hollis, 1995) e o potencial de expandir o contato da pessoa consigo mesma a ponto de ampliar seu conhecimento sobre suas peculiaridades (Jung, 1925/1981) e continuar o processo de desenvolvimento.

Como a idade cronológica pode ser um disparador da busca por mudanças, além de ser um critério objetivo que pode nortear tanto o profissional, quanto seu cliente, optei por considerar também a cronologia. Porém, sabemos que os modelos baseados majoritariamente em cronologia pressupõem uma sociedade mais estável do que a atual. No presente contexto, a orientação de carreira trabalharia pelo bem-estar global do indivíduo, ajudando-o a identificar suas preocupações e desenvolver recursos e estratégias para seu enfrentamento (Duarte, 2009, apud Lima; Cruz; Rafael, 2014).

Quanto à segunda questão, apesar de conceitos diferentes, entendendo-se crise como fenômeno mais disruptivo e transição mais gradativo, ambos convergem para a emergência do novo. Optei pelo termo transição porque entendo que uma crise, elaborada, pode se transformar em transição. Vivências ritualísticas, como o próprio atendimento em orientação de carreira, são oportunidades para potencializar as grandes transformações do desenvolvimento humano.

O levantamento bibliográfico localizou autores que consideram o estabelecimento de prazos e metas como parâmetros para medir o alcance da carreira, um tipo de planejamento em que se consegue comparar objetivos e resultados. No entanto, quando se leva em conta a

instabilidade contemporânea, surge a pergunta sobre a eficácia de planejamentos que não sejam de curtíssimo prazo. Hoje pode-se supor que planejamentos de maior prazo não sejam eficazes nem para as empresas, nem para as pessoas. Em relação às pessoas, pode-se pensar que a psique criativa corre menor risco de se desestabilizar num mundo em constante mudança. Já a resposta sobre o planejamento de médio e longo prazo das empresas extrapola o escopo desta pesquisa, mas é relevante e provavelmente está sendo investigada por outros pesquisadores.

Outra pergunta levantada foi: acostumar-se a um problema pode ser considerado o oposto de superá-lo? Esta dissertação entende que conseguir acomodar na vida um disparador de crise exige transformação psíquica. Há problemas não passíveis de resolução objetiva, que, por isso mesmo, demandam considerável esforço da psique para sua acomodação. Mas será que podemos considerar superar e se acostumar como atitudes opostas frente à emergência de problemas que deflagram uma crise?

Quando um problema deflagra uma crise há algumas possibilidades. Uma delas é ampliar espaços entre as polaridades, elaborando a tensão. Outra, negar a crise, defendendo-se do conflito que esta traz, paralisando a energia psíquica e estagnando o desenvolvimento. “[...] o ego se caracteriza por algum grau de liberdade de decisão. Esse é o aspecto magnífico de ser humano, o aspecto que constitui sua dignidade, mas também sua maldição” (Jacoby, 1991, p.1-9).

Se os símbolos que surgem com os conflitos puderem ser elaborados, a libido voltará a fluir do inconsciente para a consciência. Acostumar-se ao problema pode não o eliminar, mas certamente “elimina” a crise. Na medida em que se passa a viver com um problema vultoso que detonou uma crise, alguma transformação psíquica foi necessária. Pode-se ter lançado mão de mecanismos inconscientes de defesa, mas a vida trará provavelmente o problema à tona novamente, oferecendo outra oportunidade de ampliação da consciência. Acostumar-se a um problema não é o mesmo que negação. Talvez acostumar-se seja uma gradação da superação. Ou, ainda, a própria resolução, já que há coisas e atitudes que não se consegue mudar.

Para superação satisfatória da crise, Ruiz (2015) diz serem necessários “capacidade de reflexão e de questionamento existencial”, que contribuiriam para a qualidade da transição psíquica demandada na metanoia. Na transição da metanoia a transformação necessária é dar continência a coexistência dos opostos psíquicos.

O conceito de carreira psicossocial visa superar a separação entre as dimensões psíquicas e sociais da vida humana, compreendendo a carreira como um fenômeno que não pode ser

considerado exclusivamente um ou outro, porque é os dois ao mesmo tempo. Tal conceito pode ser considerado um dos elementos aproximativos que esta dissertação encontrou entre a psicologia analítica e a psicologia das carreiras.

Alguns achados do levantamento bibliográfico afirmam preponderar questões de cunho existencial na transição da metanoia. Outros acentuam as questões relativas ao mundo do trabalho. Uma leitura apropriada dentro da escola desenvolvimentista da psicologia analítica diria que as questões da transição da metanoia ocorrem no contexto em que se vive, não sendo possível afirmar que são questões do desenvolvimento psicológico e não do contexto do trabalho, nem questões do contexto do trabalho, mas não do desenvolvimento psicológico. É próprio do dinamismo patriarcal classificar os fenômenos como uma coisa ou outra. Uma das demandas da transição da metanoia recai justamente sobre transcender esse dinamismo. De certa forma, substituir a exclusão de uma polaridade pela articulação entre ambas, tornando a consciência capaz de funcionar em alteridade (Byington, 2006).

A psicologia analítica considera que a unilateralidade psíquica, que nesse exemplo seria conceber a carreira ou somente como subjetiva ou somente como objetiva, não configura a melhor alternativa. A unilateralidade psíquica, expressa em atitudes, em concepções ou de qualquer outra maneira, só pode ser transcendida pela elaboração dos símbolos. Assim, um conceito que se propõe a resolver o problema de se ter concepções polarizadas como únicas opções é um conceito alinhado à filosofia da psicologia analítica.

O recorte desenvolvimentista que foi feito do campo da orientação profissional e de carreira contribuiu para destacar algumas articulações entre o mesmo e o processo de individuação. Os autores da orientação profissional e de carreira escolhidos partem do mesmo pressuposto que a psicologia analítica quanto ao desenvolvimento humano: um processo que se dá ao longo de toda a vida. Disso decorre a ampliação da orientação profissional e de carreira da escolha profissional na adolescência para o desenvolvimento da carreira ao longo da vida, incluindo desengajamento e aposentadoria. Essa mudança de concepção amplia seu significado para evolução, em acordo com o que Levinson (1996) propõe sobre o desenvolvimento humano: não unicamente ascendente, mas sim ascendente e descendente ao mesmo tempo.

Quando Super (Super et al., 1988, apud Lassance, Paradiso e Silva, 2011) percebe que os imprevistos no desenvolvimento das carreiras eram mais regra do que exceção, começa a cogitar que o mesmo não deveria ser linear. Assim, conceitua a adaptabilidade de carreira, que pode ser um objetivo de quem procura orientação de carreira. É preciso observar que alguns

achados bibliográficos valorizam as etapas de exploração e planejamento de Super como preventivas de crises na carreira mais tarde.

Super recebeu críticas por propor um modelo de desenvolvimento de carreira universal, que, na verdade, não variava de acordo com os diferentes contextos socioculturais. Respondeu com o modelo do arco-íris de carreira (Lassance, Paradiso e Silva, 2011) e chegou à observação de que a concomitância de mais de um papel geraria uma série de problemas, como arriscar o comprometimento com os mesmos. Schein (1978) diz o mesmo: a competição por energia psíquica quando mais de um ciclo atinge o pico ao mesmo tempo fará com que a corda estoure. Pode-se dedicar menos do que o necessário ao trabalho ou a família. Pode-se cortar o convívio social. Pode-se adoecer. Pode-se tomar consciência da existência de conflitos de valores críticos entre os papéis.

Hoje a tecnologia resolveu o problema do deslocamento entre um local e outro. Com isso, o tempo que se levava a caminho, propício para transitar entre um papel e outro, se foi. O desempenho concomitante de mais de um papel pode mascarar ou retardar a consciência da competição por tempo e energia entre eles. Como escreveu Jung (1939/2011) e corroborou Levinson (1996) as mudanças psíquicas só ocorrem diante de acontecimentos internos ou externos, que Levinson denominou eventos culminantes.

Além disso, do ponto de vista estrutural da personalidade, qual será o impacto dessa fronteira mais diluída entre os diferentes ambientes nos papéis assumidos pela persona? Será que a possibilidade de mudar virtualmente de um ambiente a outro em alguns segundos ou de estar em vários lugares ao mesmo tempo aciona mais o polo criativo que o defensivo da persona? Ou será que a dificuldade psíquica de transitar instantaneamente entre um papel e outro enrijecerá nossos mecanismos de defesa?

A priori o desenvolvimento buscará tecer as duas possibilidades – os polos criativo e defensivo – com a singularidade. Esse é o grande potencial humano, dispor de um universo de possibilidades entre os extremos das polaridades.

Alguns dos autores em que esta dissertação se apoia descrevem o desenvolvimento de carreira como previsível, incluindo suas crises, transições e rupturas. Esses autores padronizam um fenômeno que, como todo fenômeno humano, é singular.

Não foram poucas as pessoas que disseram a Schein (1978) que haviam posto sua carreira a perder. Os motivos eram previsíveis, coisas que acontecem com boa parte das pessoas

que tem carreiras corporativas. Sendo assim, se a proposta de padrões para a compreensão das carreiras não pode ser totalmente corroborada, dá dicas que podem servir como ferramenta profilática da sensação de falência, de adoecimentos graves e de situações muito arriscadas de vida. Ao mesmo tempo em que redijo isso, no entanto, raciocino que não podemos prever se não será justamente um grave adoecimento que se tornará significativo para o desenvolvimento de alguém. Só saberemos a posteriori.

Retomando, alguns autores da orientação profissional e de carreira produziram suas obras quando o mundo do trabalho realmente era mais previsível. Hoje, teorias que preconizam padrões de carreira podem soar estranhas. Mas, na verdade, se olharmos mais detalhadamente, descobriremos que nem tudo que essas teorias propõem está ultrapassado. Schein (1978), por exemplo, afirma que na transição da metanoia repensamos as escolhas que fizemos antes.

Coisa similar diz a psicologia analítica: na transição da metanoia a perspectiva de mudanças de papéis e da relação entre os mesmos convocará alguns dos potenciais outrora reprimidos pelo ego, potenciais que estão na sombra. “A sombra contém [...] a alegria, a espontaneidade e a chama criativa não aproveitada” (Hollis, 1995, p.59). As tarefas solicitadas até o final da juventude impulsionaram o desenvolvimento, mas também foram limitadoras e restritivas.

Agora o exercício da função superior deixa de alimentar a alma, expressando-se em falta de motivação justamente para aquilo que escolhemos, por exemplo, a profissão. A sombra se manifesta via função inferior, que pede desenvolvimento e abre, com isso, a possibilidade de desenvolver e aprimorar habilidades que tinham ficado reprimidas. Jung (1950/2011) relata o caso de sua paciente que começou a pintar aquarelas aos 55 anos, cujos temas e imagens serviram sobretudo como material simbólico para seu processo.

Mas, justamente nesse período, a vida costuma estar atribulada, solicitando presença comprometida de quem está ansiando por retiro e reflexão. Hollis (1995) ainda observa que nesse período as finanças podem ser uma camisa de força, um limite concreto para o encontro de novas soluções profissionais. Há quem consiga tocar a rotina, mesmo com escassa motivação, até se dar o que Levinson chama de evento culminante. Pode ser a sensação de estar estagnado ante tarefas que se repetem todos os dias infundavelmente e parecem não levar a nada. Ou, ao contrário, estar inseguro diante de novos desafios ocupacionais em contraposição ao destemor de alguns anos antes.

A maior parte dos autores consultados consideram a família, os relacionamentos amorosos e a carreira como componentes centrais da vida que afetam e são afetados pela transição da metanoia. A persona, estrutura sem a qual não haveria interação social, refletirá, na relação orientador de carreira-cliente, os outros relacionamentos que estão demandando transformação. O diagnóstico e a elaboração das múltiplas relações que o cliente estabelece com as várias partes do mundo do trabalho e com o todo, e como tais relações se entrelaçam com os outros componentes da estrutura de vida se revelaram ferramentas para que, durante o processo de orientação de carreira, seja possível identificar os nós, alguns meios de afrouxá-los e, com isso, vislumbrar os possíveis caminhos da carreira do cliente.

Um desses nós, que pode se apresentar como a queixa do cliente que procura orientação de carreira na transição da metanoia, costuma ser o estado de ansiedade em que se encontra, deflagrado pelo confronto com a própria finitude. Expressa-se muitas vezes como urgência de aproveitar a vida. Na verdade, um movimento regressivo que simboliza a tentativa de se reafirmar jovem, compensando a psique consciente que está se sentindo completamente velha.

Elaborar o significado simbólico de juventude e velhice ajudará a recolocar a energia psíquica em movimento progressivo, ampliando a consciência e promovendo nova adaptação ao mundo externo. Por exemplo, o Senex simboliza autoconhecimento, maturidade, integridade e alargamento da perspectiva, que precisa do Puer - energia, imaginação e encanto – para ser vitalizado.

O grupo que Pandini (2014) realizou queria que as atividades profissionais tomassem menos tempo para que pudessem se dedicar a coisas que não estivessem relacionadas com o trabalho. Simbolicamente isso pode ser entendido como a consciência de que não haverá tempo suficiente para viver tudo o que se quer e o correlato desejo por mais tempo de vida.

Alguns dos sinais da transição da metanoia são amargura, luto, desapontamento, e outras emoções similares as que acompanham uma perda irreparável. Essas emoções simbolizam a perda da psique juvenil como única referência de vida (Levinson et al., 1979). Há ainda casos de enrijecimento de valores, convicções e princípios, que indicam e acarretam sofrimentos psicológicos. Essas pessoas, se procurarem orientação de carreira, serão beneficiadas se o processo for conduzido por um psicólogo, que fará o diagnóstico dentro da perspectiva da individuação. O movimento natural da libido em voltar-se para o self nessa transição da vida é uma oportunidade ímpar de desenvolvimento na vida adulta, mas que pode ser desperdiçado se o profissional não compreender simbolicamente a queixa de seu cliente. O psicólogo de

formação junguiana pode, a partir principalmente do arquétipo do curador-ferido, da atitude e da elaboração simbólica, ativar o potencial de cura que reside em suas próprias feridas para tratar seus clientes.

Uma das feridas dos clientes que procuram atendimento em orientação profissional e de carreira na transição da metanoia é achar que não realizou em sua carreira nada de relevante. O profissional que atender alguém com essa queixa poderá retomar sua história e valorizar suas conquistas, sabendo que parte da transformação psíquica será a mudança na visão sobre sucesso e fracasso.

Na transição da metanoia é preciso confrontar o que se alcançou com o que se imaginou alcançar na juventude e compreender os contextos em que a carreira se deu até então, pois o ego, nesse momento talvez ainda inflado pelas projeções retiradas de pessoas, ideologias ou religiões, pode estar hiperdimensionando a realidade. Se essas inflações forem elaboradas, alguns conteúdos que estavam na sombra serão vistos como potenciais de desenvolvimento.

Reconhecer que foi capaz de conquistas, ao mesmo tempo em que se confronta com a própria finitude, provocará provavelmente o desejo de deixar um legado para as gerações futuras. O legado resolve o conflito entre o desejo do Puer de ser imortal e a constatação do Senex da própria mortalidade. A importância do legado também é perceber que o realizado até o presente apenas preparou o terreno para realizações que ainda virão.

O atendimento em orientação de carreira pode ser o suporte para o potencial legado vir à tona e começar a ter contorno, apesar do Senex desconfiar que não há nada mais com o que possa contribuir, mas sem se tornar um objetivo megalomaniaco, ainda preso ao sonho tirânico, ambição e rivalidade típicos do Puer.

A busca por um legado contribuirá para evocar o polo da criação, que junto com seu oposto, destruição, também se destacam na transição da metanoia. Raiva, culpa e remorso, se associados a situações na carreira, podem ser disparadores da procura por orientação de carreira. A conscientização e a elaboração da própria destrutividade são parte do trabalho com a sombra, que possibilitará assumir responsabilidade tanto pelo mal causado, quanto pelo sofrido. Reconhecendo a destrutividade como parte da condição humana, torna-se possível não se fixar nos papéis extremos, vítima ou algoz. O trabalho com a sombra pode reequilibrar internamente a capacidade de criar e destruir, e promover a conscientização de que os erros cometidos também foram resultados das próprias falhas, assim como os acertos também são créditos de

terceiros. A partir disso, a criatividade poderá emergir de modo mais genuíno para a construção do legado.

O grupo de Pandini (2014) desejava que o trabalho fosse composto por atividades menos repetitivas e mais criativas, demonstrando a injeção de vitalidade que o Puer pode dar nesse período da vida. A criatividade se relaciona também com a articulação entre os polos apego e desapego. Quanto mais intenso o apego, menor a criatividade e a capacidade de renovação. Na transição da metanoia o apego ao mundo externo tende a diminuir. A consciência volta-se para o mundo interno, tendo a chance de identificar e cuidar das próprias feridas. Tais feridas podem ser identificadas no processo de orientação de carreira, elaboradas e eventualmente demandar encaminhamento para processo psicoterapêutico após o término do processo de orientação de carreira.

Outra forma de expressão do conflito entre Puer e Senex, que pode originar atendimentos em orientação profissional e de carreira nessa transição da vida, é o desafio de se manter atualizado em sua especialidade, frente à competição dos mais jovens. A atuação como mentor colocaria iniciantes e seniores em colaboração objetiva, e Puer e Senex em colaboração psíquica, pois a mentoria de um jovem profissional, além de requerer a experiência do profissional sênior, demanda a capacidade de diálogo entre esses polos. A mentoria contribui para a formação do legado, relacionando-se com o desejo de ser imortal do Puer e com o compromisso com o coletivo do Senex, por potencializar o desenvolvimento psicológico tanto do protegido quanto do mentor e por atender ao anseio por nova ocupação que pode surgir na transição da metanoia. Mas ainda será preciso verificar se a mentoria de jovens se encontra dentre os anseios dos profissionais brasileiros, objetivo a que esta dissertação não se propôs.

Mas uma nova ocupação não atenderá ao anseio de todas as pessoas. Enquanto algumas pessoas buscarão equilibrar psiquicamente as ambições da juventude com os resultados alcançados até então, num movimento que indica flexibilidade psíquica, outras mudarão de profissão, indicando que a escolha profissional inicial não se articula mais com a personalidade atual e que estão dispostas a avançar em direção a novos desafios.

Assim, a procura por orientação de carreira pode também ser motivada pelo estranhamento em se identificar menos do que antes com os grupos, instituições e tradições. O que está ocorrendo são menor propensão à idealização e menor dependência do reconhecimento dos outros, aspectos indicativos de um processo de desenvolvimento suficientemente bom. Isso

se deve à intensificação do polo desapego e articulação mais equilibrada entre apego e desapego.

Seja motivado pelo estranhamento em não se identificar mais com os grupos, instituições e tradições, seja porque menor identificação leva ao afastamento dos mesmos, na transição da metanoia há uma volta ao mundo interno, conduzida por anima e animus. Se o feminino do homem e o masculino da mulher tiverem sido e ainda estiverem reprimidos, será árduo o trabalho da psique em direção ao inconsciente. Quanto mais rígidos os valores de uma sociedade, mais difícil é. Os homens, por exemplo, não lidarão bem com o início do declínio do corpo, sinal de vulnerabilidade física que num sistema de valores conservador é reservada exclusivamente à mulher.

É importante retomar o que escreveram Levinson et al. (1979): as associações entre o que é considerado tipicamente masculino e o que é considerado tipicamente feminino estão relacionadas ao padrão de organização do trabalho vigente. Atualmente tal organização ainda atribui os cuidados com os filhos, os parentes e a casa principalmente à mulher, que assume dupla jornada de responsabilidades, nas esferas profissional e familiar. Ainda que durante as últimas duas ou três décadas algumas transformações tenham ocorrido, o conceito *Glass ceiling* - situação em que o progresso na carreira parece possível, mas restrições e discriminações criam barreiras ao avanço de mulheres e outras minorias na hierarquia – permanece atual.

Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a busca por equilíbrio trabalho-família está na base da situação de desvantagem das mulheres no mercado de trabalho (Cavalcante, 2018). As entrevistas feitas por Rogel (2016) revelaram que elas tentam conciliar sua jornada com a rotina dos filhos e trabalhar mais perto de casa, nem sempre podendo, dentre as ofertas de trabalho, ter como critérios de escolha melhor remuneração e/ou maior perspectiva de crescimento. Relação conjugal e carreira são mutuamente influenciadas, podendo se configurar como apoio ou sabotagem (Guedes, 2017). Schein (1978) afirma que os conflitos entre trabalho e família costumam ser os mais severos. Cabe aqui questionar se as corporações vêm conseguindo contemplar em sua gestão do trabalho o compromisso que seus colaboradores têm com as famílias, que pesa mais sobre as mulheres.

Na transição da metanoia a mulher já tem consciência da disparidade entre o que o mundo do trabalho aparenta ser e o que é, assim como já sabe que dificilmente dará conta de tudo. Provavelmente não cumprirá o que Levinson (1996) denomina jornada da mulher bem-

sucedida e, além disso, cada vez que vencer um obstáculo em sua carreira, sabe que outros tantos surgirão.

Então, na transição da metanoia, a mulher pode procurar orientação de carreira por precisar se reaver com as escolhas que fez e estar implicada naquelas que fará, agora que sabe que o pacote completo – relacionamento amoroso, maternidade e carreira – não tem sido viável para a maioria.

Atualmente os filhos tardam a sair de casa. Os pais, por outro lado, vivem mais. Essas mudanças foram mais rápidas do que a solidificação da equidade na divisão das atribuições da vida doméstica. Com isso, há o risco da mulher na transição da metanoia estar ainda mais atribulada: cuida de filhos já adultos e de pais idosos, enquanto sua carreira ainda não atingiu o que ela almejava. A permanência dos filhos por mais tempo na casa dos pais e a expectativa mais longa de vida muda a dinâmica dos papéis. Com o tempo, pode ser que filhos adultos morando na casa dos pais e pais idosos saudáveis e longevos sejam suportes alternativos para que a mulher persista no desenvolvimento de sua carreira, juntamente com a participação mais ativa dos homens em relação a seus filhos, a seus pais, a seus lares.

Hoje a mulher que procura orientação de carreira na metanoia talvez não precise, ou não consiga, modificar sua estrutura de vida, mas precisará elaborá-la, encampando suas escolhas, consciente da pressão social colocada sobre as minorias e da disparidade nas barreiras profissionais que homens e mulheres enfrentam. As mulheres transmitem à geração futura, além do legado pessoal, um legado coletivo: a transformação de seu papel na sociedade e da própria organização social. Logicamente os homens também se deparam com obstáculos na carreira, mas o funil é ainda mais acirrado para as mulheres.

Esta dissertação também reforça a importância da formação do orientador profissional e de carreira para um diagnóstico preciso, capaz de desenhar e manejar o processo não apenas para a cura dos sintomas ou adaptação social, mas sim para a ampliação da consciência em direção à totalidade psíquica. Entrevistas iniciais que, além da importância de considerar o presente, incluam a história da infância e da adolescência, darão informações sobre a relação com os pais e os complexos parentais que se formaram, fornecendo elementos, por exemplo, para diagnóstico diferencial entre indecisão circunstancial ou estrutural. O profissional também precisa esclarecer se a queixa apresentada é devida majoritariamente a questões atuais ou a atitudes perante o trabalho que já estavam presentes antes da transição da metanoia, informação que também ajudará a discernir entre um diagnóstico circunstancial ou estrutural. Os casos

devidos a questões estruturais demandam processo mais longo de orientação de carreira ou, talvez, encaminhamento para psicoterapia (Oliveira-Silva; Silva, 2015; Santos; Goncalves, 2017). Ainda que a orientação de carreira seja um processo breve, é possível contribuir com o processo de individuação.

As ocupações e profissões podem estar a serviço prioritário dos mecanismos de defesa psíquicos. Não necessariamente trata-se de um dado prejudicial à carreira. Se valorizados no ambiente de trabalho, os mecanismos de defesa podem até impulsioná-la. Mas, quando alguém procura orientação movido pela consciência de que sua carreira esteve baseada principalmente em mecanismos de defesa, pode-se perguntar se sua profissão, ocupação ou seu ambiente de trabalho estão contribuindo para seu desenvolvimento psicológico. Na transição da metanoia há a oportunidade de compreender a serviço de que estão os mecanismos de defesa, para que sua elaboração e articulação com a consciência se tornem possíveis, viabilizando a transformação psíquica necessária. Essa elaboração modificará a relação ego-pessoa-sombra e a relação consciência-inconsciente, gradativamente permitindo uma articulação mais criativa entre eles. A psique mais criativa encontra caminhos para a saída da crise e a continuidade do desenvolvimento psíquico, mesmo que a exaustão, as exigências e a dificuldade de crescimento na organização tenham levado alguém a uma atitude mais radical, de abandono de sua formação original.

Por vezes, a situação é muito sofrida: na transição da metanoia a pessoa não se reconhece em sua própria história de carreira, pois seus sonhos e aspirações pessoais estiveram aprisionados por um tipo de trabalho quase restrito à dimensão objetiva, que se constituiu através da mínima expressão possível da singularidade. Em casos como esse é ainda mais relevante o olhar que a psicologia analítica tem para a totalidade, pois será preciso identificar os aspectos singulares que conseguiram ter expressão naquela situação de carreira, ainda que à primeira vista pareçam ter sido sufocados por completo. O próprio movimento de buscar atendimento em orientação de carreira sugere bom prognóstico. Quem sabe será possível, ativando os símbolos, articular o sofrimento, advindo de uma situação de carreira como essa, com o potencial de florescimento que a pessoa tem?

Esta dissertação chegou a alguns resultados que podem ser úteis a outros pesquisadores. Pesquisas sobre o desenvolvimento humano na metanoia serão beneficiadas em quantidade de resultados se procurarem os seguintes termos nas obras de Jung editadas e compiladas pela

Vozes: envelhecimento, meia idade, meio da vida, metade da vida, metanoia, segunda metade da vida, transição para a segunda metade da vida, três fases da vida, valor da vida.

Pesquisadores das aproximações dos campos da psicologia analítica e da psicologia das carreiras terão dificuldades em encontrar resultados ao combinar orientação profissional, orientação vocacional ou orientação de carreira com psicologia analítica, psicologia junguiana ou jung. Será melhor adicionar o termo desenvolvimento a cada um dos anteriormente mencionados.

Pesquisadores da orientação profissional e de carreira encontrarão quantidade maior de resultados com as palavras-chave orientação profissional ou orientação vocacional do que com orientação de carreira.

A seguir sintetizo os achados mais valiosos desta dissertação e faço algumas sugestões.

9- Conclusões, sugestões e considerações finais

Esta dissertação mostrou que a transição da metanoia se configura como uma das mais potentes oportunidades de transformação psíquica no desenvolvimento adulto. A mudança na direção da energia psíquica pode resgatar e desenvolver potenciais que estavam na sombra e ativar ou reforçar a polaridade criativa da persona. O trabalho com a sombra nessa transição da vida possibilita a cada pessoa a realização da personalidade total, pois a psique pode agora superar as divisões que foram necessárias para a estruturação da personalidade até o final da juventude e articular novos equilíbrios entre os polos, viabilizando seu funcionamento integral.

A preponderância da senescência é mais extensa do que a da adolescência na vida humana. Por isso sugiro que outros pesquisadores investiguem essa longa era da vida, cuja duração tende a se estender mais ainda, conforme aumenta a expectativa de vida. Hoje ainda se conta com pouca ajuda.

Estamos vivendo uma época de constantes e frenéticas mudanças, na qual enrijecimento de valores, convicções e princípios, riscos psíquicos do envelhecer, acarretarão ainda mais sofrimento do que antes, quando o mundo era mais estável. A psique criativa lida melhor com essas características contemporâneas. Nesse sentido o processo de orientação profissional e de carreira na transição da metanoia pode ser profilático.

Com o advento da tecnologia digital, uma das mudanças expressivas da atualidade, conseguimos estar em múltiplos locais, que nos solicitam diferentes papéis, ao mesmo tempo. Ainda não sabemos qual será o impacto dessa fronteira mais diluída entre os diferentes ambientes nos papéis assumidos pela persona. Será que essa possibilidade aciona mais o polo criativo que o defensivo da persona? Ou será que a dificuldade psíquica de transitar instantaneamente entre um papel e outro enrijecerá nossos mecanismos de defesa? Esta dissertação não pode responder a essas perguntas, relevantes para futuros pesquisadores do desenvolvimento humano na abordagem junguiana.

Outra questão das carreiras no mundo atual é a demanda cada vez maior por especialização. Hollis (1995) alerta que quanto mais especializados formos, e quanto melhor desempenharmos nossas tarefas ultra-especializadas, mais arriscada estará a realização da personalidade total.

Por tudo isso, uma das contribuições que esta dissertação traz é sua recomendação acerca da formação do orientador profissional e de carreira. O psicólogo da abordagem junguiana

saberá que o processo não almeja a cura dos sintomas, mas sim conduzir a personalidade em direção à totalidade (Jung, 1939/2011, §524). Os sintomas são simbólicos, isto é, além de uma causa, tem uma função, sendo uma via da consciência para o inconsciente. O psicólogo junguiano conhece a “[...] colaboração do inconsciente, [...] mesmo quando se comporta em oposição à consciência. Sua expressão é sempre compensatória, como se estivesse tentando recuperar o equilíbrio perdido” (Jung, 1939/2011, §505).

A concepção da psicologia analítica do desenvolvimento humano como pessoal e social, afetado e afetando ambas as polaridades que compõem o todo, contribui para que o psicólogo junguiano possa transcender a dualidade persistente entre o social e o psicológico, entre indivíduo e sociedade, entendendo-os como expressões de um mesmo arquétipo. O psicólogo junguiano consegue articular essas polaridades, em vez de obrigatoriamente ter que optar por uma ou por outra. O campo da psicologia das carreiras ganharia se fosse mais explorado por pesquisadores desse referencial. A psicologia analítica contribui para a compreensão das polaridades psíquicas e do movimento compensatório que tenta equilibrá-las durante nossa vida.

O sonho que relatei anteriormente, em que uma criança é agredida pelo eu onírico, e o modo como o sonhador o interpretou, simbolizavam a dominância do polo adulto em sua psique. Era preciso resgatar a criança e dela cuidar. Alguns dias depois esse cliente voltou a ler quadrinhos, coisa que não fazia desde a infância, simbolizando que a criança, ainda que machucada, permanecia viva. A compreensão do conjunto formado pelo sonho, pela interpretação que o sonhador deu e por seu resgate de um hábito de infância são possibilidades que o psicólogo de formação junguiana tem. Outra formação poderia entender a retomada dos quadrinhos apenas como fuga, resistência ou regressão, sem considerar que também apontava para a continuação do desenvolvimento daquela pessoa.

Referências Bibliográficas

- AMBIEL, Rodolfo A. M. Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Rev. bras. orientac. prof*, São Paulo, v. 15, n.1, pp.15-24, jun. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100004&lng=pt&nrm=iso, acesso em 04/12/2018.
- AMORIM SILVA, Maria Aparecida Lopes; NEVES, Simone Rodrigues. Escolha profissional na meia-idade: psicologia e individuação. *Junguiana*, São Paulo, vol. 35, n.2, pp.23-36, 2017.
- BARDAGI, Marucia Patta; dos SANTOS, Mariana Moura; LUNA, Iuri Novaes. O desafio da orientação profissional com adolescentes no contexto da modernidade líquida. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v.48, n.2, p.263-281, jul-dez, 2014.
- BLOMEYER, R. *Os aspectos da persona* (tradução livre, para estudos, de Pethö Sandor). *Journal Analytische Psychologie*, 5, 1974, pp.17-29.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *Estrutura da personalidade – persona e sombra*. São Paulo: Atica, 1988.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *Psicopatologia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Linear B, 2006.
- CARVALHO, Lucas de Francisco; MOREIRA, Thaline da Cunha; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo. Relações entre adaptabilidade de carreira e traços patológicos da personalidade em trabalhadores brasileiros. *Rev. Psicol., Organ. Trab.*, Brasília, v. 17, n. 3, p. 159-164, set.2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572017000300004&lng=pt&nrm=iso acesso em 29/11/2018.
- CAVALCANTE, Melina B.R. *Conciliação trabalho-família no cotidiano de mulheres executivas: uma perspectiva de gênero*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2018.
- DOCUMENTARIOS: inventores da psicanálise – Heinz Kohut - 2016

DUARTE, Maria Eduarda et al. A construção da vida: um novo paradigma para entender a carreira no século XXI. *Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology*, v.44, n.2, pp.392-406, 2009.

FRATTAROLL, Elio J. Eu e minha alma: através do vidro escuro da interface junguiana/freudiana. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. (org.) *Manual de Cambridge para Estudos Junguianos*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.165-182.

GUEDES, Simone Alves. *Carreira e conjugalidade: a percepção da mulher sobre a influência da relação conjugal no desenvolvimento de sua carreira*. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2017.

HOLLIS, James. *A passagem do meio. Da miséria ao significado da meia-idade*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1995.

INDICES GERAIS: onomástico e analítico. **OC XX**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JACOBY, Mario. The ego concept and problems of ego weakness. In: *A series of 6 lectures given by Dr. Mario Jacoby at the Jungian Institute in Zürich*. Winter Semester, 1970-1971, Zürich, Switzerland.

JUNG, Carl Gustav. [1950/2011] Estudo empírico do processo de individuação. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. OC IX/1. 7ª edição. Petrópolis: Vozes.

JUNG, Carl Gustav. [1951/1988] Símbolos Gnósticos do si-mesmo, In: *Aion. Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. OC IX/2. 2ª edição. Petrópolis: Vozes.

JUNG, Carl Gustav. [1930/1971] As Etapas da Vida Humana. In: *A Natureza da Psique*. OC VIII/2. 6ª ed. Petrópolis: Vozes.

JUNG, Carl Gustav. [1930/1998] Introdução a “A Psicanálise” de W.M.Kranefeldt. In: *Freud e a Psicanálise*. OC IV, 3ª ed. Petrópolis: Vozes.

JUNG, Carl Gustav. [1925/1981] O casamento como relacionamento psíquico. In: *O desenvolvimento da personalidade*. OC XVII, Petrópolis: Vozes.

JUNG, Carl Gustav. [1925/1981] Da formação da personalidade. In: *O desenvolvimento da personalidade*. OC XVII, 11ª ed. Petrópolis: Vozes.

- JUNG, Carl Gustav. [1940/2011] A psicologia do arquétipo da criança. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. **OC 9/1**. 7ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1911-1912/1986] A dupla mãe. In: *Símbolos da Transformação*. **OC V**. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1929/1987] Paracelso. In: *O espírito na arte e na ciência*. **OC XV**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1928/1983] A formação dos símbolos. In: *A Energia Psíquica*. **OC VIII/1**. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1928/1983] Os conceitos fundamentais da teoria da libido. In: *A Energia Psíquica*. **OC VIII/1**. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1917/1983] O inconsciente pessoal e o inconsciente suprapessoal ou coletivo. In: *Psicologia do Inconsciente*. **OC VII/1**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1921/2012] Definições. In: *Tipos Psicológicos*. **OC 6**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1939/2011] *Consciência, inconsciente e individuação*. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. **OC 9/1**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, Carl Gustav. [1908/1984] O Eu e o Inconsciente. **OC 7/2**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.
- KISHORE, Angeli. *Mentor: o outro lado da relação de mentoring*. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2013.
- LASSANCE, Maria Celia Pacheco; PARADISO, Angela Carina; BENSO DA SILVA, Cintia. Terceira demanda-chave para a Orientação Profissional: como ajudar o indivíduo a desenvolver sua carreira? Enfoque desenvolvimentista e evolutivo. In: Ribeiro, Marcelo Afonso e Melo-Silva, Lucy Leal (org). *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira, volume 1: perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos*. São Paulo: Vetor, 2011, p.135-166.
- LEVINSON, Daniel J. *The seasons of a woman's life. A fascinating exploration of the events, thoughts, and life experiences that all women share*. New York: Ballantine Books, 1996.

LEVINSON, Daniel J. et al. *The Seasons of a man's life*. New York: Ballantine Books, 1979.

LIMA, Rosário; CRUZ, Raquel Beirão da; RAFAEL, Manuel. Estudo das preocupações de carreira em aconselhamento: uma nova abordagem para a promoção do bem-estar dos indivíduos. *Rev. bras. orientac. prof*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 115-125, dez.2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200003&lng=pt&nrm=iso acesso em 27/11/2018.

MALKI, Yara. *A crise com o curso superior na realidade brasileira contemporânea: análise das demandas trazidas ao Núcleo de Orientação Profissional da USP*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2015.

NEUMANN, Erich. *A criança. Estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação*. São Paulo: Cultrix, 1980.

OLIVEIRA, Marina Cardoso de; MELO-SILVA, Lucy Leal; COLETA, Marília Ferreira Dela. Pressupostos teóricos de Super: datados ou aplicáveis à psicologia vocacional contemporânea? **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v.13, n.2, p.223-234, dez.2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200009&lng=pt&nrm=iso acesso em 16/02/2019.

OLIVEIRA-SILVA, Lígia Carolina; SILVA, Ana Paula dos Santos Souza. Florescimento no Trabalho: Interfaces com Comportamentos de Carreira. *Revista brasileira de orientação profissional*. Florianópolis, v.16, n.2, p.197-205, dez.2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902015000200010&lng=pt&nrm=iso acesso em 28/11/2018.

PANDINI, Ana Lúcia Ramos. *Metanóia: caminho para o desenvolvimento no meio da vida*. São Paulo, 2014. 176p. Tese de doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

PENNA, Eloisa M.D. Eros e poder – puer e senex na adultescencia. In: V Congresso Latinoamericano de Psicologia Junguiana, 2009, Santiago de Chile. *Anales del V*

Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana. Santiago de Chile: Impression quatro y cero ltda, 2009. p.379.

A PSICOLOGIA SIMBOLICA JUNGUIANA. Disponível em:

<www.carlosbyington.com.br/psicologia-simbolica-junguiana-2/> acesso em 26/05/2017.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Orientação Profissional: uma proposta de guia terminológico. In: Ribeiro, Marcelo Afonso; Melo-Silva, Lucy Leal (org). *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira, volume 1: perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos*. São Paulo: Vetor, 2011, p.23-85.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. *Carreiras. Novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Juruá Editora, 2014.

RIZZATTI, Daniela Bach et al. Transição de carreira em adultos brasileiros: um levantamento da literatura científica. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, v.11, n.1, pp.153-173, 2018.

ROGEL, Georgia T.S. *Autogestão da carreira entre médicos: uma abordagem a dimensão subjetiva da carreira dos profissionais do conhecimento*. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2016.

ROMANYSHYN, Robert. *The Wounded Researcher. Research with Soul in Mind*. New Orleans: Spring Journal, 2007.

RUIZ, Daniela Wink. *Novo despertar: crise no trabalho e a transição do meio da vida. Uma visão junguiana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica. Núcleo de Estudos Junguianos) – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2015.

SAMUELS, Andrew. *Jung e os pós-junguianos*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SANTOS, Paulo Jorge; GONCALVES, Carlos. A Kohutian approach to indecisiveness. *Análise Psicológica*. Lisboa, v.35, n.3, p.339-349, 2017.

SCHEIN, Edgar H. *Career Dynamics: matching individual and organizational needs*. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1978.

SERRA, Otavio Levier. *Um estudo para valor agregado em coaching e sua percepção para as partes envolvidas*. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro: 2014.

STEIN, Murray. *In Midlife. A Jungian Perspective*. Woodstock: Spring Publications, 1983.

STEIN, Murray. *Jung, o mapa da alma. Uma introdução*. 4ª edição. São Paulo: Cultrix, 2005.

SUPER, Donald E. A life-span, life-space approach to career development. In Brown, D.; Brooks, L.(org). *The Jossey-Bass management series and The Jossey-Bass social and behavioral science series. Career choice and development: Applying contemporary theories to practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 1990, p. 197-261.

TOLEDO, Liliane de Paula. *Para além da escola e da empresa: contribuições para o atendimento em orientação de carreira*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2014.

VILHENA, Maria Aparecida Freitas. O desenvolvimento da personalidade e o processo de individuação. A visão de Jung e de pós-junguianos. Considerações sobre a infância. In: Albertini, Paulo; Villares de Freitas, Laura (org). *Fundamentos de Psicologia – Jung e Reich: articulando conceitos e práticas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2009, p.32-49.

VILLARES de FREITAS, Laura. Panorama dos conceitos junguianos. In: Albertini, Paulo; Villares de Freitas, Laura (org). *Fundamentos de Psicologia – Jung e Reich: articulando conceitos e práticas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2009, p.17-31.

VILLARES de FREITAS, Laura. *A máscara e a palavra. Exploração da persona em grupos vivenciais*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1995.

VILLARES de FREITAS, Laura. O ser humano entre a vida e a morte. Visão da psicologia analítica. In: KOVÁCS, Maria Júlia. (org.) *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, p.111-141.